

PARCERIA PARA A CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE NA AMAZÔNIA

RELATÓRIO FINAL DE USO PÚBLICO E
PLANEJAMENTO DA GESTÃO

PROGRAMA BRASIL

OUTUBRO 2014 – JUNHO 2020

Programas Internacionais do Serviço Florestal dos
Estados Unidos (USDA)



USAID | **BRASIL**
DO POVO DOS ESTADOS UNIDOS



Relatório Final de Uso Público e Planejamento da Gestão

Programas Internacionais do Serviço Florestal dos Estados Unidos (USDA)

Washington, DC e Brasília-DF, Brasil

AID-512-T-15-00001

AUTORES:

JUNHO DE 2020

Bonnie Lippitt¹, Stephen McCool², Michelle Zweede³, Lorena Brewster⁴, Suelene Couto⁵, Ryan Finchum⁶, James R. Barborak⁷, Katie Moulton⁸, Jasmine Moreira⁹, and Robert Burns¹⁰

1. Gerente do Programa de Turismo e Interpretação, USFS, Região Noroeste do Pacífico
2. Professor Emérito, Universidade de Montana
3. Especialista em Programas da América Latina, Serviço Florestal dos Estados Unidos
4. Especialista em Programas, Serviço Florestal dos Estados Unidos
5. Coordenadora do Programa Brasil, Serviço Florestal dos Estados Unidos
6. Co-diretor, Centro de Gestão de Áreas Protegidas, Universidade Estadual do Colorado
7. Co-diretor, Centro de Gestão de Áreas Protegidas, Universidade Estadual do Colorado
8. Consultora de Comunicações, Programas Internacionais do Serviço Florestal dos Estados Unidos
9. Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa
10. Professor e Diretor da Divisão de Silvicultura e Recursos Naturais da Universidade da Virginia Ocidental

EM PARCERIA COM:



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE



ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	5
ACRÔNIMOS E ABREVIATURAS	7
REDE DE PARCEIROS PARA A GESTÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E USO PÚBLICO DA PCAB	9
1.0 VISÃO GERAL DO PROGRAMA	11
1.1 CONTEXTO DO PROGRAMA	12
2.0 ABORDAGEM DO PROGRAMA E REALIZAÇÕES ABRANGENTES	13
2.1 PLANEJAMENTO DA GESTÃO	13
2.2 PLANO DE USO PÚBLICO	15
2.3 INTERPRETAÇÃO	16
2.4 PARCERIAS	17
2.5 TRILHAS	18
2.6 MONITORAMENTO DA VISITAÇÃO	19
2.7 SÍTIOS DEMONSTRATIVOS DE USO PÚBLICO	21
3.0 ABORDAGENS ESTRATÉGICAS	22
3.1 ABORDAGEM 1: PARCERIA PARA CONSTRUIR CONFIANÇA E ASSEGURAR SUCESSO	24
3.2 ABORDAGEM 2: FOCO NA ASSISTÊNCIA TÉCNICA PARA A CAPACITAÇÃO	24
3.3 ABORDAGEM 3: INTEGRAÇÃO DAS ATIVIDADES E PLANEJAMENTO DO PROGRAMA	25
3.4 ABORDAGEM 4: TÉCNICAS COMPROVADAS PARA APRENDIZAGEM COLETIVA	26
3.5 ABORDAGEM 5: TESTE E ADAPTAÇÃO DE FERRAMENTAS E PROCESSOS	27
3.6 ABORDAGEM 6: PROMOVER MONITORAMENTO, AVALIAÇÃO E APRENDIZAGEM	29
4.0 RESULTADOS E IMPACTOS	29
4.1 PLANO DE USO PÚBLICO INSTITUCIONALIZADO E LIGADO AO PLANO DE MANEJO DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO	29
4.2 AUMENTO DA CONSCIENTIZAÇÃO E VISITA ÀS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO	30
4.3 PARTICIPAÇÃO SOCIAL E EDUCAÇÃO APRIMORADA PARA A CONSERVAÇÃO	31
4.4 CONSTRUÇÃO DE CAPACIDADE INSTITUCIONAL	34
5.0 LIÇÕES APRENDIDAS	37
LIÇÃO 1: PARCERIAS SÃO FUNDAMENTAIS	37
LIÇÃO 2: COORDENAÇÃO E CAPACIDADE DOS PARCEIROS DETERMINAM O QUE CONSTITUI UM PROGRAMA DE USO PÚBLICO SUSTENTÁVEL	38
LIÇÃO 3: O ESCOPO E A ESCALA DA CAPACITAÇÃO DEVEM REFLETIR O ESCOPO E A	

ESCALA DO PROBLEMA CONTEMPLADO	39
LIÇÃO 4: O DESENVOLVIMENTO EFICAZ DA CAPACIDADE PARA A GESTÃO DO USO PÚBLICO EXIGE A CONTINUIDADE DE RELACIONAMENTOS, RECURSOS SIGNIFICATIVOS E UMA ABORDAGEM INTEGRADA	39
LIÇÃO 5: GESTÃO ADAPTATIVA PARA UM MAIOR IMPACTO EXIGE APRENDIZAGEM	40
LIÇÃO 6: É PRECISO TEMPO E UMA ABORDAGEM MULTIFACETADA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE DE GESTÃO DO USO PÚBLICO	41
LIÇÃO 7: PARTICIPAÇÃO SOCIAL E IGUALITÁRIA SÃO ESSENCIAIS PARA O SUCESSO NO LONGO PRAZO	42
LIÇÃO 8: O PENSAMENTO CRÍTICO E A LIDERANÇA SÃO IMPORTANTES	42
6.0 UM CAMINHO PROMISSOR	43
6.1 UM FUTURO POSSÍVEL	43
ANEXO I: UNIDADES DE CONSERVAÇÃO BRASILEIRAS IMPACTADAS PELOS INVESTIMENTOS DA PCAB	48

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de reconhecer e agradecer à Parceria para a Conservação da Biodiversidade na Amazônia (PCAB) e aos gestores de unidades de conservação por sua experiência, paixão pessoal e profissional pelo trabalho e profundo compromisso com a cooperação.

Serviço Florestal dos Estados Unidos

O Serviço Florestal dos Estados Unidos (USFS) trabalha em parceria com o governo brasileiro e a sociedade civil há mais de 40 anos. O órgão contribuiu com seus conhecimentos e experiência adquiridos em 115 anos de gestão de terras públicas de uso múltiplo nos Estados Unidos. Tanto os Estados Unidos quanto o Brasil se beneficiaram da colaboração em iniciativas de gestão de recursos naturais. Por meio do programa PCAB, o USFS coordena com a USAID e agências brasileiras, como o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), maneiras de melhor conectar a sociedade às terras públicas por meio da boa gestão das unidades de conservação e o desenvolvimento sustentável do turismo. Queremos agradecer aos muitos servidores do USFS que contribuíram com seu tempo e emprestaram sua extraordinária experiência ao programa PCAB nos últimos cinco anos.

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) é o órgão do governo brasileiro responsável por proteger o patrimônio natural do Brasil, promovendo a conservação da biodiversidade por meio de pesquisa e educação e desenvolvendo práticas de gestão ecologicamente corretas. O ICMBio atua principalmente na gestão das unidades de conservação pelo governo federal, e é responsável por propor, criar, proteger e monitorar essas áreas dentro do âmbito do Sistema Nacional de Unidades de Conservação. A equipe do ICMBio tem um papel central na gestão e monitoramento de alguns dos lugares mais importantes do ponto de vista biológico no Brasil.

Queremos agradecer a todos os especialistas do ICMBio que participaram do programa para aprimorar suas capacidades e que compartilharam seus conhecimentos com seus colegas do órgão, ajudando a desenvolver e institucionalizar um programa robusto de uso público para todos os brasileiros. Vocês nos inspiram e nos motivam!

Parceiros de universidades americanas e brasileiras

A parceria entre a academia, pesquisadores e servidores do ICMBio fortalece e aprimora o desempenho dos gestores de unidades de conservação no sentido de aplicar conceitos

contemporâneos de planejamento e gerenciamento de visitantes e conectar os cidadãos brasileiros ao patrimônio natural do país. As universidades parceiras forneceram liderança durante todo o programa PCAB e incentivaram o pensamento crítico sobre os conceitos de uso e gestão pública, ao mesmo tempo em que lideravam pesquisas, desenvolvimento de capacidades e assistência técnica. Gostaríamos de agradecer aos servidores das universidades e aos alunos dedicados por ampliar sua liderança e abordagens criteriosas para os eventos e projetos de capacitação da PCAB.

Agradecimento Especial: Universidade de Montana, Centro de Gestão de Áreas Protegidas da Universidade Estadual do Colorado, Universidade de Brasília, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Universidade da Virgínia Ocidental, Universidade Estadual da Carolina do Norte, Universidade Federal do Amazonas, Universidade Estadual do Amazonas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo e Universidade Federal do Acre.

Serviço Nacional de Parques dos EUA

Agradecemos ao Serviço Nacional de Parques dos EUA (USNPS) por fazer parceria com o USFS e o ICMBio no sentido de projetar e executar uma nova estrutura de planejamento para unidades de conservação brasileiras. O NPS - Denver Service Center (DSC), prestou assistência técnica para desenvolver uma nova estrutura de planejamento recentemente adotada pelo governo brasileiro. A equipe do DSC colaborou com o ICMBio para testar a estrutura com dois planos de manejo em unidades de conservação piloto. O primeiro foi no Parque Nacional São Joaquim, no sul do Brasil, e o segundo na Reserva Extrativista Marinha de Soure, na Bacia Amazônica. Ambos os esforços tiveram fortes componentes de envolvimento da comunidade. Os resultados do processo foram utilizados para dar orientação nas decisões de gestão dessas unidades. A metodologia refinada agora é política pública e está sendo replicada amplamente nas unidades de conservação federais brasileiras.

Parlare

Agradecemos aos intérpretes profissionais da Parlare que tornaram possível essa parceria e colaboração por meio da interpretação e tradução de idiomas. O nível de excelência da interpretação permitiu que os parceiros deste programa se comunicassem e colaborassem sem esforço.

Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

Um agradecimento final à equipe da Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional (USAID), que forneceu apoio financeiro e de liderança ao programa USFS e PCAB nos últimos cinco anos. Por mais de 50 anos, a USAID apoia o Brasil. Hoje, a USAID trabalha em estreita colaboração com o governo brasileiro e a sociedade civil para criar soluções sustentáveis de desenvolvimento socioeconômico e promover o envolvimento do setor privado em busca de soluções inovadoras para a conservação da biodiversidade na Amazônia.

ACRÔNIMOS E ABREVIATURAS

ACADEBio	Centro de Formação em Conservação da Biodiversidade
PARNA Anavilhanas	Parque Nacional de Anavilhanas
COOMFLONA	Cooperativa Mista da Floresta Nacional do Tapajós
CSU	Universidade Estadual do Colorado
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
INPA	Instituto Nacional de Pesquisa na Amazônia
IPAM	Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia
PCAB or Partnership	Parceria para a Conservação da Biodiversidade na Amazônia
ROS	Espectro de Oportunidades de Recreação
ROVUC	Rol de Oportunidades de Visitação em Unidades de Conservação
SIGEO	Sistema de Gerenciamento de Dados Geoespaciais
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
FNT / FLONA Tapajós	Floresta Nacional do Tapajós
UM	Universidade de Montana
USAID	Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional
USFS	Serviço Florestal dos EUA
USFS/IP	Programas Internacionais do Serviço Florestal dos EUA
USG	Governo dos Estados Unidos
USNPS	Serviço Nacional de Parques dos EUA



REDE DE PARCEIROS PARA A GESTÃO UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E USO PÚBLICO DA PCAB

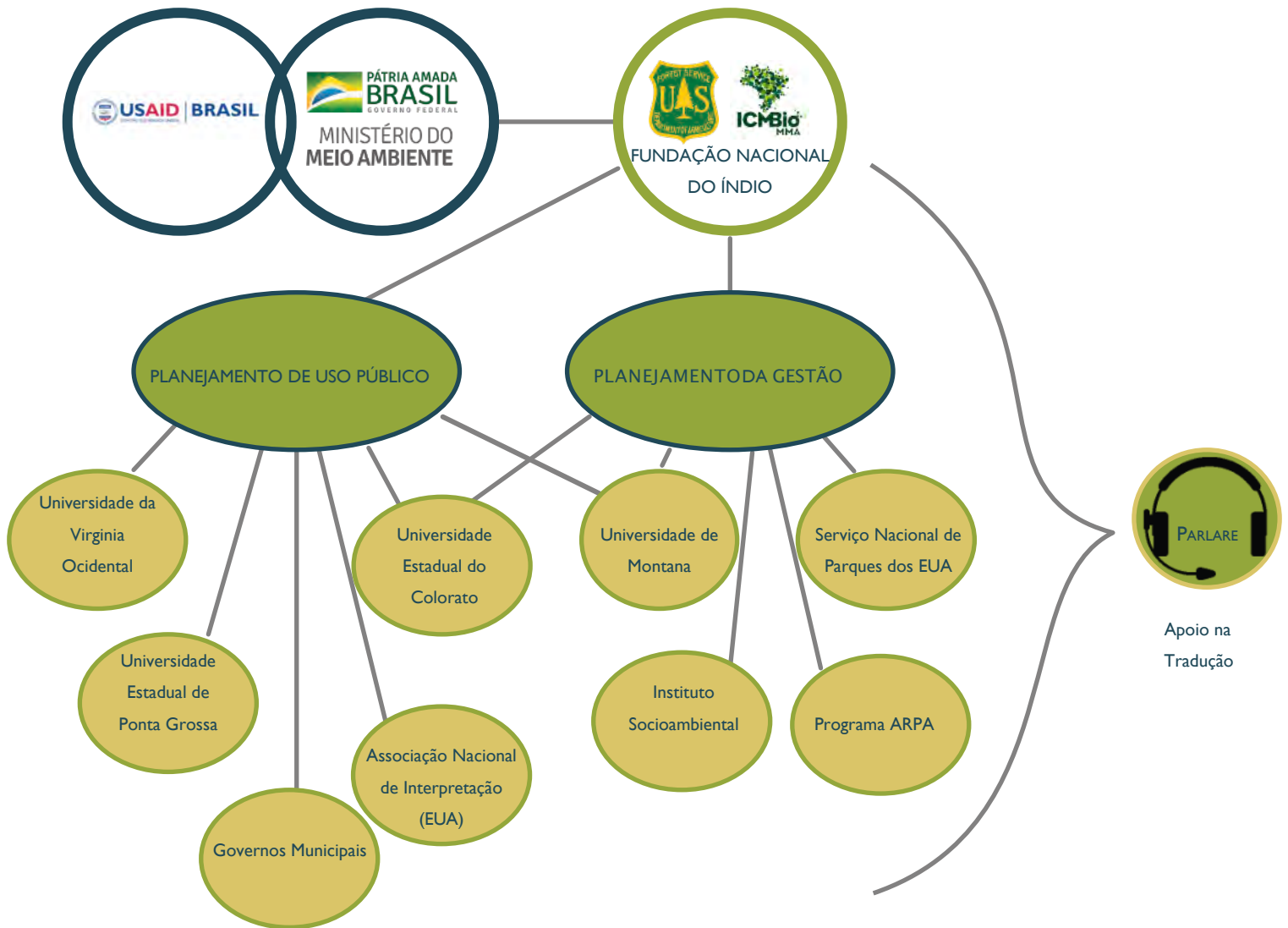




Foto: Steve McCool

1.0 VISÃO GERAL DO PROGRAMA

Em 2014, a Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional (USAID) firmou um acordo de parceria abrangente de cinco anos - a Parceria para a Conservação da Biodiversidade da Amazônia (PCAB ou a “Parceria”) - com o Governo do Brasil a fim de apoiar a conservação das unidades de conservação e da biodiversidade na Amazônia. Um dos focos da parceria era conservar as unidades de conservação do Brasil conectando os brasileiros às suas terras públicas expandindo as oportunidades de crescimento econômico por meio de um turismo sustentável e bem administrado (outras áreas da parceria incluem Cadeias de Valor Sustentáveis e Manejo do Fogo). A USAID precisava de um parceiro de execução com ampla experiência em gestão de uso público. O Serviço Florestal dos EUA (USFS) foi uma escolha óbvia, pois administra 155 florestas nacionais de uso múltiplo e 20 áreas de pastagem, e faz parceria com o Brasil há 40 anos na administração de recursos naturais. Para executar o programa, o USFS fez parceria com várias universidades dos EUA e com o Serviço Nacional de Parques dos EUA a fim de trazer mais conhecimentos sobre gestão de áreas protegidas.

O parceiro executor do governo brasileiro para o projeto foi o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), um órgão do Ministério do Meio Ambiente. O ICMBio foi criado em 2007 para gerir a grande variedade de categorias de Unidades de Conservação federais do Brasil, desde reservas extrativistas até unidades de proteção integral, tais como parques nacionais e reservas ecológicas. O ICMBio gere 334 unidades de conservação com 1.714.242 km², uma área maior que os estados americanos da Califórnia, Texas, Montana e Colorado (ou os países França, Alemanha, Espanha e Reino Unido) juntos. Muitas das maiores unidades de conservação estão localizadas no norte do Brasil, com um total de 641.436 km² (37,4% do sistema federal de unidades de conservação) localizado no bioma Amazônia.

Por meio da Parceria, o USFS e as universidades parceiras aprimoraram a capacidade institucional do ICMBio para a utilização de ferramentas inovadoras, abordagens de pensamento crítico, participação social e boas práticas globais para melhor gerir as unidades de conservação federais e planejar o uso público. O ICMBio testou seu aprendizado em sítios demonstrativos, incorporou novos conceitos e adaptou as práticas dos EUA para suas próprias políticas de uso e gestão públicas. O ICMBio também usou seu aprendizado para ter mais participação da sociedade e incorporar as comunidades na administração das unidades de conservação que as cercam. Essas comunidades se beneficiaram da crescente visitação que uma melhor gestão trouxe na forma de oportunidades de emprego e ganho econômico.

FIGURA 1: ÁREAS GEOGRÁFICAS PRIORITÁRIAS DA PARCERIA



O mapa acima destaca as cinco áreas da Amazônia brasileira onde a parceria teve o maior nível de investimento direto: Parque Nacional do Jaú, Parque Nacional de Anavilhanas, Parque Nacional da Amazônia, Floresta Nacional do Tapajós e Reserva Extrativista Marinha de Soure. Nesses locais, o USFS e os parceiros realizaram capacitações, apoiaram os esforços de plano de manejo e executaram e monitoraram as boas práticas em planejamento de uso público. A área sombreada em verde mostra toda a bacia amazônica; a linha branca indica o tamanho da Amazônia brasileira.

Vide no Anexo I um mapa completo das unidades de conservação que a Parceria impactou por meio de investimentos diretos na Amazônia e capacitação institucional no ICMBio.

Crédito do mapa: Caetano Franco

Este relatório concentra-se em dois componentes da parceria: uso público e planejamento da gestão. Ele traz uma visão geral da estratégia de implementação e destaca as principais realizações e lições aprendidas ao longo de cinco anos. Também sugere oportunidades que poderiam aumentar o trabalho já realizado na construção de sistemas sustentáveis de gestão de uso público para conservação e ganhos econômicos.

1.1 CONTEXTO DO PROGRAMA

Quando foi criado em 2007, o ICMBio herdou vários biólogos, ecologistas e especialistas em recursos naturais do Ministério do Meio Ambiente que estavam interessados em pesquisar e proteger a biodiversidade brasileira que desaparecia, inclusive espécies de plantas e animais à beira da extinção

apenas encontradas na Amazônia. As habilidades de pesquisa e proteção certamente eram necessárias, mas o ICMBio também precisava de servidores com treinamento e experiência em outros aspectos importantes da gestão eficaz das unidades de conservação, inclusive o desenvolvimento rural sustentável, o turismo e a recreação ao ar livre, a interpretação ambiental e a melhoria do planejamento e políticas de gestão. O governo brasileiro queria que o ICMBio ajudasse a aprimorar os meios de subsistência das comunidades que viviam nas unidades de conservação e conectasse os brasileiros às suas terras públicas e ao patrimônio natural.

A Parceria ajudou o ICMBio a enfrentar um grande desafio: Como o órgão faz a gestão das unidades permitindo a visitação, ao mesmo tempo em que realiza a conservação da biodiversidade da Amazônia e proporciona impacto econômico sustentável por meio de uma gestão eficaz do uso público?

2.0 ABORDAGEM DO PROGRAMA E REALIZAÇÕES ABRANGENTES

Os componentes de Uso Público e Planejamento de Gestão da Parceria (PCAB) abrangeram sete áreas prioritárias, 1. Planejamento da Gestão, 2. Plano de Uso Público, 3. Interpretação, 4. Parcerias, 5. Trilhas, 6. Monitoramento da Visitação e 7. Sítios Demonstrativos.

O planejamento da gestão e o planejamento de uso público são áreas de foco abrangentes que orientam a proteção, o desenvolvimento e o uso das unidades de conservação. Interpretação, parcerias, trilhas e monitoramento da visitação são áreas de foco mais específico que aprimoram as experiências dos visitantes, geram receita e apoiam a conservação sustentável. Os sítios demonstrativos permitiram ao ICMBio praticar o que aprenderam e se preparar para executar um programa de gestão de uso público ano após ano, com pessoal e orçamento adequados.



FIGURA 2: ÁREAS PRIORITÁRIAS PCAB

2.1 PLANEJAMENTO DA GESTÃO

O plano de manejo de uma unidade de conservação é o documento legal que orienta todas as ações tomadas para proteger, desenvolver e gerir os recursos naturais e culturais significativos da área em benefício das gerações presentes e futuras. Planos de execução mais focados podem ser desenvolvidos para abordar recursos específicos ou componentes do programa, mas todos eles se vinculam e devem ser condizentes com o plano de manejo.

- Os Parceiros desenvolveram um entendimento compartilhado e profundo das normas de planejamento existentes do ICMBio e como essas normas informavam as revisões contínuas do plano de manejo na

Floresta Nacional do Tapajós (FLONA Tapajós) e no Parque Nacional de Anavilhanas (PARNA Anavilhanas).

- Com a ajuda do Serviço Nacional de Parques dos EUA (USNPS), a Parceria explorou a abordagem de planejamento do “Foundation Document” do USNPS e a adaptou às unidades de conservação do ICMBio. Os regulamentos revisados do ICMBio sobre plano de manejo unificaram e simplificaram a metodologia, levando a ganhos significativos em todas as categorias de gestão. (Vide Tabela I abaixo). O ICMBio, juntamente com o USFS, o USNPS e com o apoio das universidades, realizou **10 oficinas** oferecendo **252 vagas**, a fim de capacitar os servidores no uso da nova metodologia.
- O ICMBio usou suas novas regras de planejamento, com base na abordagem do Foundation Document, para completar **12 planos de manejo de unidades de conservação**, e ainda há outros **46 planos em andamento**.



A participação da comunidade e a apropriação do plano de manejo de unidades de conservação são essenciais para a conservação sustentável. Floriza Pinto (1ª da esquerda para a direita) é presidente da Associação de Mulheres de Kumirayoma, no Território Indígena Yanomami, participou da construção do primeiro plano de manejo do Parque Nacional do Pico da Neblina em 2018. Ela e os membros da Associação, juntamente com representantes de outros territórios indígenas, FUNAI e ISA, ajudaram o ICMBio a elaborar as ações futuras do parque em prol da conservação e do desenvolvimento socioeconômico.

Foto: Lorena Brewster

“Nós, o povo Yanomami, somos guardiões da floresta, usando apenas o que a natureza pode nos dar. Nada mais. Estou aqui falando como líder, mulher e Yanomami. Nas discussões da oficina, nossas vozes ajudarão a garantir o que queremos, que é manter nossas florestas vivas.”

- Floriza Pinto, Presidente da Associação de Mulheres Kumirayoma no Território Indígena Yanomami

TABELA I. MELHORIAS DO ICMBIO AO PLANO DE MANEJO

UC = unidades de conservação

ABORDAGEM ANTERIOR DO PLANO DE MANEJO	ABORDAGEM NOVA DO PLANO DE MANEJO	MELHORIAS AO PROCESSO
Manual de diagnóstico com uma descrição abrangente da UC e sem uma conexão clara com o manual de planejamento.	Breve descrição da UC com foco na análise de seus recursos e valores fundamentais.	Informações essenciais no documento e orientação clara da gestão da UC em direção às metas originais.
Programas de gestão detalhados.	Necessidade de dados e planejamento para essa UC, com priorização de detalhes a serem executados de acordo com a capacidade de gestão da equipe e os recursos disponíveis.	Documentos mais estratégicos, dinâmicos, atuais e práticos.
Métodos não condizentes e sem foco no planejamento.	Método padronizado, com foco na conservação dos recursos e valores fundamentais da UC.	Melhor comunicação sobre a importância das UCs e mais clareza sobre seus objetivos de conservação e como alcançá-los.
Planejamento centralizado no Escritório de Coordenação do ICMBio para Elaboração e Revisão de Plano de Manejo (COMAN).	A COMAN realiza análises sistêmicas da UC e define elementos e prioridades fundamentais a serem detalhados pelos coordenadores técnicos pertinentes e equipe de campo no ICMBio.	Os documentos são mais integrados às diretrizes e prioridades institucionais.
Mapas "fixos" que rapidamente se tornavam obsoletos, exigindo conhecimento de ferramentas complexas de desenvolvimento de software.	Desenvolvimento do SIGEO - Informação geográfica disponível online, em uma plataforma amigável.	Uso dinâmico de informações geográficas, com a possibilidade de atualização contínua pelo ICMBio e pela sociedade em geral.
Documento de planejamento pouco utilizado pelas unidades de conservação.	Diretrizes e regras claras sobre gestão de unidades de conservação.	Documento para orientar e melhorar a gestão da equipe nas unidades de conservação.

2.2 PLANO DE USO PÚBLICO

Um plano de uso público se vincula ao plano de manejo e define ainda as zonas, experiências recreativas, instalações, programas e parcerias necessários para executar efetivamente o programa de uso público da unidade.

- O ICMBio agora tem uma equipe de planejamento de uso público com seis pessoas, com capacidade para orientar o desenvolvimento de planos de uso público e capacitar outros servidores.
- Por meio da combinação de cursos técnicos, seminários e exercícios de planejamento em campo na Amazônia, a Parceria ajudou os participantes a desenvolver habilidades de pensamento crítico para aplicar a ciência ao planejamento de uso público. Isso levou à criação de uma comunidade de prática em gestão de uso público contínua que envolveu acadêmicos brasileiros e norte-americanos, gestores de unidades de conservação e parceiros da comunidade e do setor privado.
- O ICMBio agora possui materiais de referência, inclusive o Rol de Oportunidades de Visitação em Unidades de

Conservação (ROVUC), manuais sobre planejamento e monitoramento do uso dos visitantes e o livro “Turismo e Uso Público no Brasil: Desafios e Perspectivas” para apoiar o planejamento eficaz do uso público e a execução dos planos existentes.

2.3 INTERPRETAÇÃO

A interpretação refere-se instalações, produtos e serviços informativos e educacionais que ajudam a criar conexões intelectuais e emocionais entre a sociedade e as áreas protegidas. A interpretação compartilha as histórias mais significativas da área protegida e é uma ferramenta essencial para envolver visitantes e moradores locais. A interpretação pode mudar atitudes e comportamentos em relação à conservação e tornar a experiência do visitante mais agradável. A interpretação também gera receita e contribui para a lealdade do visitante.

Rol de oportunidades de visitação em unidades de conservação é uma ferramenta de planejamento do ICMBio adaptada do Espectro de Oportunidades de Recreação do USFS. O ICMBio usa o ROVUC para identificar oportunidades de recreação que promovem a diversificação das experiências dos visitantes em suas unidades de conservação pelo governo, e também serve como uma ferramenta para estruturar o monitoramento no longo prazo dos potenciais impactos biofísicos e da experiência do visitante em unidades de conservação.

- O ICMBio agora possui uma equipe de interpretação com **14 servidores**, capaz de desenvolver e fornecer programas de interpretação dirigidos à comunidade e em todo o órgão. A equipe demonstrou sua capacidade desenvolvendo placas interpretativas, exposições, vídeos e visitas guiadas aos sítios demonstrativos. O resultado trouxe experiências aprimoradas para visitantes e o aumento de receita para os condutores interpretativos.
- A Parceria capturou e condensou os processos de design e desenvolvimento de produtos interpretativos no livro "Guia para o Desenvolvimento de Produtos Interpretativos Não Pessoais em Áreas Protegidas".

Exposições interpretativas (à esquerda) e condutores treinados (à direita) aprimoram a experiência de visitantes locais e internacionais. A satisfação dos visitantes gerou um aumento da visitação, trazendo mais receita para as comunidades.

Fotos tiradas do Vídeo Interpretativo <https://vimeo.com/247545142>





A Parceria consagrou o envolvimento da comunidade e da região em todos os projetos de planejamento interpretativo e desenvolvimento de produtos. A abordagem beneficiou diretamente os residentes e parceiros locais e forneceu capacitação para guias, produtos bilíngues para ajudar a comunicar suas histórias e placas, exposições e vídeos interpretativos para melhorar o atendimento ao cliente e as experiências dos visitantes.

Foto: Suelene Couto

2.4 PARCERIAS

A maioria dos gestores das unidades de conservação não possui equipe e recursos necessários para realizar este trabalho crucial e, portanto, conta com um conjunto de órgãos governamentais, empresas do setor privado, organizações não governamentais, organizações comunitárias e até voluntários individuais que participam da administração das terras públicas. Dependendo da natureza da parceria, o trabalho pode ser regido por contratos de concessão, permissões e autorizações ou por diversos acordos de parceria.

- Os especialistas do ICMBio **atualizaram as regras do órgão sobre concessões** (parcerias público-privadas para serviços a visitantes) e expandiram o número de contratos de concessões em estudo. Eles ganharam capacidade para fazê-lo por meio da participação em dois cursos técnicos da Parceria, visitas de estudo e seminários internacionais nos EUA, liderados pelo USFS, USNPS, Universidade Estadual do Colorado (CSU) e Universidade de Montana (UM).
- A COOMFLONA, cooperativa comunitária local que mantém o contrato de manejo florestal da FLONA Tapajós, fez parceria com o Governo Municipal de Santarém para fornecer materiais de construção e mão-de-obra para concluir os reparos no Centro de Atendimento ao Turista de

Alter do Chão, danificado por tempestades, e para ajudar a instalar uma **nova área de exposições interpretativas e uma pequena área de vendas comunitária**, com informações sobre produtos da Floresta Nacional do Tapajós e da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns.

- As oficinas de campo “Trails Together” 1 e 2, ambas realizadas nos EUA, destacaram as oportunidades do ICMBio de incorporar projetos de trilhas com ajuda de voluntários a gestão do sistema de trilhas do órgão. O treinamento incluiu voluntários e parceiros de negócios, estes últimos fornecendo mão-de-obra e, às vezes, alimentos e materiais. O esforço voluntário do ICMBio resultou na construção com voluntários de um sistema de trilhas de 44 km na Floresta Nacional de Brasília e de 52 km de trilhas na Área de Proteção Ambiental do Planalto Central. Os voluntários continuam ajudando a fazer a manutenção nos sistemas de trilhas no Parque Nacional da Chapada da Diamantina e na Floresta Nacional de Canela.



Fotos de antes e depois do Centro de Atendimento ao Turista em Alter do Chão. A parceria entre a cooperativa comunitária local - COOMFLONA e o governo municipal de Santarém reformou a edificação danificada por tempestades, que se tornou um centro de turismo que recebe visitantes e oferece produtos locais e exposições interpretativas.

Foto: Lorena Brewster

2.5 TRILHAS

Trilhas são portais para visitas às unidades de conservação. Elas permitem que os visitantes experimentem, explorem e se conectem com a paisagem. As trilhas são de todas as formas e tamanhos e são percorridas usando meios de transporte motorizados e não motorizados.

- O ICMBio tem agora **uma equipe-núcleo com 17 especialistas** capazes de desenvolver e executar todos os componentes-chave de um programa de trilhas, inclusive o desenvolvimento de políticas e currículo de treinamento.
- Devido à forte ênfase da Parceria no fortalecimento do manejo de trilhas, os especialistas e parceiros do ICMBio estão bem posicionados para responder ao movimento crescente de criação de trilhas

nacionais, capacitar e apoiar inúmeras novas iniciativas de trilhas de longa distância em todo o Brasil, inclusive a Trilha Chico Mendes no Estado do Acre, a Travessia das Sete Quedas, o Caminho de Cora Coralina no estado de Goiás e a Trilha Transcarioca no Estado do Rio de Janeiro. Em parceria com o Ministério do Turismo, o ICMBio assinou uma portaria nacional que institui oficialmente a Rede Nacional de Trilhas de Longa Distância (RedeTrilhas) que reconhece e protege as trilhas de interesse natural e cultural e sensibiliza a sociedade para a importância do SNUC. **Essa rede agora abrange 59 trilhas, mantidas por mais de 3.000 voluntários.**



A Parceria incorporou o envolvimento da comunidade e da região em todos os projetos de planejamento de trilhas e desenvolvimento de rotas, beneficiando diretamente residentes e parceiros locais e fornecendo a eles o aprendizado prático em todas as etapas do projeto, construção e manutenção de uma variedade de trilhas.

Foto: Lorena Brewster

2.6 MONITORAMENTO DA VISITAÇÃO

O planejamento eficaz do uso público depende da compreensão acerca dos visitantes atuais e potenciais - quem são, de onde vêm, as experiências que buscam, o grau em que suas expectativas são atendidas e o nível de serviço ao cliente que recebem. A Parceria também avaliou os impactos biológicos, sociais e econômicos da visitação. Veja o infográfico abaixo para entender os esforços do ICMBio no envolvimento dos visitantes e o valor agregado.

- A Parceria empregou residentes locais para auxiliar na coleta de dados e pesquisas. O exercício construiu capacidade local e aumentou a compreensão do ICMBio sobre os interesses e necessidades dos visitantes.
- O ICMBio agora possui um programa e protocolo para coletar informações do visitante. O protocolo é baseado em um modelo dos Estados Unidos que foi adaptado para se adequar ao Brasil e, em seguida, testado em um dos sítios demonstrativos.
- A Parceria concluiu pesquisas de monitoramento e feedback de visitantes direcionados para ajudar os gestores locais a responderem a desafios específicos de recursos em um local famoso de recreação fluvial na FLONA Tapajós e no Centro de Observação de botos no PARNA Anavilhanas.

FIGURA 3: IMPACTO DA VISITAÇÃO

IMPACTO DO ENGAJAMENTO DO VISITANTE DE 2017 A 2018

O ICMBIO EXPANDE O ENVOLVIMENTO DO VISITANTE

15%

AUMENTO EM UNIDADES OFERECENDO INFORMAÇÕES PARA OS VISITANTES

O ICMBIO expandiu as atividades oferecidas nas unidades de conservação com os atuais programas de engajamento do visitante.

30%

Aumento na oferta de atividades



Trihas



Atividades



Serviços para a sociedade

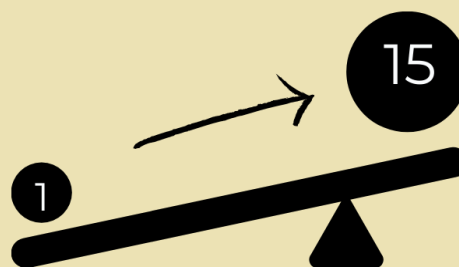
RESULTADO



Mais Visitantes

Benefícios Econômicos

CADA R \$1 INVESTIDO NO ICMBIO GEROU R \$15 EM BENEFÍCIOS ECONÔMICOS PARA O BRASIL



Os visitantes gastaram R\$ 2,4 bilhões nos municípios que têm acesso às unidades de conservação. A contribuição total desses gastos à economia nacional chegou a 90.000 empregos, R\$ 2,7 bilhões em renda, R\$ 3,8 bilhões de valor agregado ao PIB e R\$ 10,4 bilhões em vendas. O setor hoteleiro registrou a maior contribuição direta com R\$ 740 milhões em vendas diretas, seguido do setor alimentício com R\$ 531 milhões.

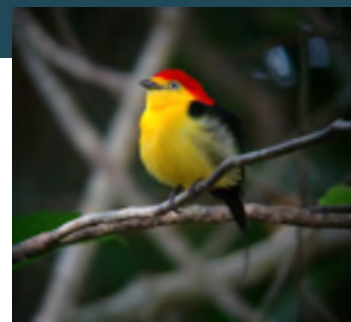
O estudo também apresentou a geração de impostos resultantes apenas dos efeitos sobre as vendas diretas e a remuneração. Um total de R\$ 174 milhões foi gerado nos municípios, nos estados R\$ 594 milhões e no nível federal R\$ 323 milhões, totalizando R\$ 1,1 bilhão em impostos.

1 USD = approx. R \$5

Source: Souza, T.V. S. B.; Simões, H. B.; (2019). Contribuições do Turismo em Unidades de Conservação Federais para a Economia Brasileira - Efeitos dos Gastos dos Visitantes em 2018: Sumário Executivo., ICMBio. Brasília

2.7 SÍTIOS DEMONSTRATIVOS DE USO PÚBLICO

Os sítios demonstrativos permitiram aos servidores e parceiros do ICMBio praticar, passo a passo, como planejar, desenvolver e projetar produtos, programas e instalações, além de monitorar e entender os resultados de suas iniciativas. Para isso, o ICMBio, com apoio da Parceria, designou duas unidades de conservação como sítios demonstrativos, a Floresta Nacional do Tapajós (FLONA Tapajós) e o Parque Nacional Anavilhanas (PARNA Anavilhanas). O ICMBio também manteve projetos de demonstração menores em outras unidades do ICMBio.



- O ICMBio testou as metodologias dos EUA e decidiu, quando apropriado, como adaptar os conceitos às práticas e políticas de todo o órgão. Por exemplo, após testar um protocolo do USFS para monitoramento de visitantes na FLONA Tapajós e no PARNA Anavilhanas, o ICMBio o adaptou às configurações brasileiras e agora está usando um protocolo formal e estatisticamente válido de monitoramento de visitantes em suas unidades de conservação mais visitadas.
- A equipe do ICMBio aplicou e praticou habilidades técnicas na construção de trilhas e no desenvolvimento de produtos interpretativos, obteve e analisou dados da visitação e avaliou o uso de voluntários.
- Uma equipe treinada do ICMBio se tornou instrutora nas capacitações conduzidas pelo órgão.
- A nova equipe ampliada do ICMBio, com a orientação de especialistas do USFS, criou o primeiro plano interpretativo para o PARNA de Anavilhanas. Após esse primeiro plano, o ICMBio adaptou e usou um processo semelhante para criar mais planos interpretativos nas unidades de conservação federais e ensinar outros servidores a fazê-lo. Da mesma forma, a equipe de trilhas do ICMBio desenvolveu suas habilidades na FLONA Tapajós e no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, adaptando os materiais de treinamento dos EUA para criar os “Fundamentos para o Planejamento de Trilhas” do ICMBio. Eles também participaram de uma viagem de estudos aos EUA sobre o desenvolvimento de trilhas. A equipe de trilhas voltou aos sítios demonstrativos para capacitar os comunitários locais e as organizações parceiras.



Os sítios demonstrativos permitiram à equipe do ICMBio praticar e modelar boas práticas para um programa abrangente de uso público.

Fotos (da esquerda para a direita): 1: Chris Mayer; 2 e 3: Lorena Brewster

Foto (canto superior direito): Manakin com cauda de arame, comumente encontrado no Parque Nacional de Anavilhanas

3.0 ABORDAGENS ESTRATÉGICAS

A Parceria ajudou a contruir a capacidade institucional do ICMBio e contribuiu para a conservação da Amazônia, por meio de seis abordagens estratégicas. Essas abordagens foram determinadas com base na seguinte teoria da mudança:

Quando as Unidades de Conservação incentivam e recebem a população em locais apropriados e sob condições bem planejadas, os visitantes (regionais, nacionais e internacionais) têm a oportunidade de formar conexões intelectuais, emocionais e espirituais com essas áreas especiais, o que gera mais visitação, impactos físicos ao meio ambiente mais baixos ou bem administrados e maiores insumos econômicos ou em espécie para as economias locais e nacionais. Tanto o apelo emocional quanto a contribuição para o desenvolvimento econômico local motivam os residentes, os visitantes e os órgãos governamentais a conservar melhor as unidades de conservação, sua beleza cênica e o lazer que proporcionam. A proteção desses serviços recreativos contribui para a proteção da biodiversidade e das funções do ecossistema.

A PARCERIA ENVOLVEU ÓRGÃOS PÚBLICOS, A SOCIEDADE CIVIL E AS COMUNIDADES EM UMA ABORDAGEM INTEGRADA QUE REFORÇOU AS AÇÕES E O APRENDIZADO.

FIGURA 4. MODELO DE ABORDAGEM ESTRATÉGICA DA PCAB





Esta foto foi tirada na inauguração da Trilha Interpretativa Terra Rica, no sítio demonstrativo da Floresta Nacional do Tapajós. A garotinha Helen está encantada com a placa. Criar ferramentas eficazes de educação para crianças é uma parte importante da conscientização sobre a conservação e da garantia da biodiversidade para o futuro.

Foto: Lorena Brewster

3.1 ABORDAGEM 1: PARCERIA PARA CONSTRUIR CONFIANÇA E ASSEGURAR SUCESSO

Alavancar os recursos e a experiência de parceiros, inclusive do governo, agências de administração de terras públicas e universidades a fim de maximizar os resultados do desenvolvimento.

Os componentes de Uso Público e Planejamento da Gestão da Parceria para a Conservação da Biodiversidade na Amazônia foram o resultado de um acordo abrangente de cinco anos entre a USAID e o governo do Brasil. Ambos os parceiros estavam comprometidos com o objetivo da parceria e investiram recursos para torná-la um sucesso.

- A liderança do ICMBio participou da avaliação inicial das necessidades conduzidas pelo USFS e pela Universidade de Montana. Isso levou a um processo contínuo de priorização de ações e a um plano de trabalho anual entre o USFS e o ICMBio envolvendo membros da Parceria mais ampla.
- A Parceria convidou outros parceiros locais, regionais, nacionais e internacionais, como o USNPS, a COOMFLONA, a FUNAI e o INPA, para ajudar em áreas e projetos prioritários específicos.
- Muitas das atividades em torno da gestão e planejamento de uso público, especialmente para os sítios demonstrativos, levaram ao envolvimento de comunidades locais e conselhos participativos das unidades de conservação em sessões de escuta e oficinas com atores realizadas durante a elaboração dos planos interpretativos da FLONA Tapajós e do PARNA Anavilhanas.
- Em vários casos, a Parceria atraiu mais contribuições financeiras e em espécie para projetos específicos, como a cobertura de pagamento para participantes de oficinas externas e seminários na Amazônia, bem como o apoio à Conferência Internacional sobre Interpretação no Rio de Janeiro, ocorrida em maio de 2019 (apoiada pela Associação Nacional de Interpretação (sigla NAI em inglês) dos EUA e de participantes da equipe ampliada de interpretação do ICMBio).
- Um componente fundamental do trabalho da Parceria foi a contratação de tradução simultânea para promover a comunicação contínua e garantir um alto nível de intercâmbio técnico profissional.

3.2 ABORDAGEM 2: FOCO NA ASSISTÊNCIA TÉCNICA PARA A CAPACITAÇÃO

Aproveitar a duração de cinco anos da PCAB para identificar, concentrar e investir no desenvolvimento de capacidades em muitos níveis, no longo prazo, e que o ICMBio possa institucionalizar e sustentar.

- A Parceria identificou os resultados desejados em cinco anos e planejou de acordo, estabelecendo parâmetros de referência e cronogramas nos programas anuais de trabalho.
- A Parceria priorizou a continuidade do programa e reuniu equipes permanentes do ICMBio, USFS e membros de universidades parceiras que ajudaram a orientar o trabalho ao longo da duração do acordo.
- O desenvolvimento da capacidade foi estratificado e focado nos níveis individual, institucional e de sistema, a fim de aprofundar a amplitude e o impacto do trabalho.

3.3 ABORDAGEM 3: INTEGRAÇÃO DAS ATIVIDADES E PLANEJAMENTO DO PROGRAMA

Responder à complexidade da abrangência do planejamento da gestão e do uso público, trabalhando integradamente.

A Parceria integrou as atividades nas áreas prioritizadas para otimizar o trabalho, cronogramas e oportunidades complementares, mediante:

- Incorporação do plano de uso público aos planos de manejo das Unidades de Conservação.
- Desenvolvimento de modelos e diretrizes de planejamento de uso público.
- Criação de capacidade na gestão de programas para planejar, desenvolver, executar, operar e monitorar instalações e serviços em cada uma das quatro áreas prioritárias de uso público: Interpretação, Trilhas, Monitoramento da Visitação e Parcerias.
- Destaque para a importância de trabalhar além dos limites das unidades de conservação e por meio de mosaicos de unidades mais amplos a fim de obter programas de uso público mais integrados, complementares e coordenados.
- Os cinco Seminários da Amazônia, eventos de capacitação com 5-7 dias de duração, sobre Ecoturismo em Unidades de Conservação, apresentaram essa abordagem reunindo uma variedade de participantes percorrendo regiões como o Mosaico do Baixo Rio Negro, compartilhando perspectivas e identificando oportunidades e desafios comuns.

Ao lado, servidores do ICMBio aprendem a conceber e executar um sistema de trilhas para suas unidades de conservação.

Foto: Lorena Brewster





The open air shelter provides a covered classroom for conservation education and other group events. The shelter is adjacent to the small amphitheater to provide additional space if needed. The restroom serves both the conservation education area as well as the group camping area.

TERRA RICA
OPEN AIR SHELTER, RESTROOM
D. MATTSOON 2015 USDA PS

A arquiteta paisagista do USFS, Donna Mattson, ajudou o ICMBio a criar planos de sítio e conceito de instalações para o desenvolvimento futuro da Área de Picnic da Terra Rica. Os planos eram apropriados para os usos desejados e sensíveis à paisagem. Eles incluíram um abrigo aberto para aulas ao ar livre e um pequeno anfiteatro, ambos localizados perto de um banheiro existente para facilitar o acesso dos visitantes e o uso eficaz do espaço. Por meio de atividades como essas, o ICMBio entendeu a importância de desenvolver modelos, conceitos e diretrizes de planejamento de uso público para um programa eficaz e multidimensional de uso público

3.4 ABORDAGEM 4: TÉCNICAS COMPROVADAS PARA APRENDIZAGEM COLETIVA

Implantar e modelar uma grande variedade de métodos de assistência técnica e desenvolvimento de capacidades que atendem às necessidades dos participantes atuais e também podem ser avaliadas e adaptadas para uso futuro pelo ICMBio e outros parceiros brasileiros.

- A modelagem de diferentes abordagens de ensino facilitou o compartilhamento importante de conhecimentos e habilidades técnicas e construiu a capacidade e a confiança dos participantes para experimentar, aprender e adaptar essas técnicas no ICMBio. As ferramentas da Parceria escolhidas geraram o seguinte:
- Ir além da transferência de conhecimento e do desenvolvimento de habilidades técnicas na promoção do pensamento crítico e criar experiência e confiança individual e institucional.
- Oferecer cursos em sala de aula, conferências, eventos e treinamentos para instrutores, com oportunidades experimentais, como seminários de campo e visitas de estudo, seguidas de atividades

- de orientação que permitam um ambiente favorável para aplicar, fornecer e praticar as habilidades aprendidas.
- Oferecer oportunidades amplas de aprendizado por meio de visitas de estudo aos EUA, participação nos cursos de anfitrião interpretativo certificado pela NAI e treinamento para treinadores, participação nos seminários internacionais de áreas protegidas e turismo, além da participação no Congresso Mundial de Parques em Sydney, na Austrália.
 - Estabelecer uma “comunidade de prática” entre o ICMBio e as universidades brasileiras para promover a pesquisa conjunta e educar de forma colaborativa os alunos que eventualmente se tornarão gestores de unidades de conservação.

3.5 ABORDAGEM 5: TESTE E ADAPTAÇÃO DE FERRAMENTAS E PROCESSOS

Os sítios demonstrativos permitiram ao ICMBio ✓ desenvolver experiência prática na aplicação de conhecimentos e habilidades obtidos em oficinas de treinamento; ✓ Testar em campo as metodologias e tecnologias emergentes; ✓ Adaptar as tecnologias existentes à novas situações ou contextos; ✓ Realizar testes em escala menor antes de investimentos significativos em larga escala.

O conceito de “demonstração” representa tanto uma abordagem estratégica quanto uma área de foco prioritário abrangente, com a designação de vários sítios demonstrativos que serviram como locais de teste e onde todos os aspectos do trabalho da Parceria foram executados coletivamente.

- Os sítios demonstrativos foram selecionados com base nos seguintes critérios: já havia uso público, estavam em processo de revisão dos planos de manejo, representavam diferentes conjuntos de desafios, tinham diferentes categorias de gestão, eram unidades essenciais em um mosaico mais amplo de unidades de conservação, e servidores-chave do ICMBio faziam parte das equipes principais de especialistas do órgão.
- Os principais sítios demonstrativos foram a Floresta Nacional do Tapajós e o Parque Nacional de Anavilhanas. O trabalho nessas unidades incluiu revisões do plano de manejo; planejamento geral de uso público; o desenvolvimento e execução de planos interpretativos; o planejamento, construção e manutenção de trilhas; monitoramento contínuo da visitação; e trabalho com guias da comunidade local e operadores e empresas de turismo autorizados.
- Projetos secundários específicos de demonstração ocorreram no Parque Nacional de Brasília, no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e no Parque Nacional de São Joaquim.
- A documentação detalhada das atividades, realizações e lições aprendidas nos sítios demonstrativos forneceu a base para o desenvolvimento de muitas políticas e processos do ICMBio que vieram depois.
- O objetivo abrangente dos sítios demonstrativos era permitir que o ICMBio integrasse e executasse todas as áreas foco da Parceria. Veja a citação abaixo.

Por exemplo, no Tapajós, isso incluiu um aprofundamento em seu plano de manejo existente e a discussão de que tipo de ajustes melhor atenderiam ao uso público que já havia e queriam ter no futuro. Examinamos os acordos de gestão compartilhada e parceria, primeiro avaliando se a COOMFLONA poderia assumir essa função de gestão do uso público ou se eles precisavam trabalhar com a associação de condutores ou o INPA. Em seguida, analisamos a mecânica da cobrança de taxas e como poderiam melhorar a eficiência e a eficácia desse trabalho. Discutimos como garantir a segurança de visitantes, funcionários e voluntários, inclusive o relacionamento com os prestadores de serviços de segurança, comunicações de emergência para condutores e também para eventos especiais, como a Maratona de Selva. Essa conversa levou a uma discussão a nível político do ICMBio, sobre qual deveria ser o padrão do órgão para treinamento em primeiros socorros e resposta para funcionários e voluntários. Discutimos as concessões de turismo naquele momento, o que seria necessário no futuro e como garantir que não ultrapassassem as comunidades. Analisamos o design do local de recreação e criamos o conceito de sítio e instalações para algumas das principais portas de entrada. (Veja os resultados da Terra Rica abaixo.) Discutimos a necessidade de construir instalações públicas de acordo com um padrão de segurança estabelecido, em vez de simplesmente deixar as equipes locais construir coisas da maneira como sempre fizeram. É claro que também passamos muito tempo conversando sobre a necessidade de abordar o saneamento para visitantes e comunidades, pois a visitação aumentava. E fizemos trilhas, interpretação e monitoramento da visitação. A lista continua... .”

- Bonnie Lippitt, USFS, Região Noroeste do Pacífico, Gerente do Programa de Turismo e Interpretação



A parceria apoiou a melhoria do Corredor Terra Rica com um quiosque de orientação na entrada, dois caminhos interpretativos, uma área de uso diário e a Trilha Interpretativa da Terra Rica.

Acima, a Estação Base do ICMBio, na entrada da floresta e no Corredor Terra Rica (à direita), a entrada da Trilha Interpretativa da Terra Rica (ao meio) e uma placa interpretativa ao longo da trilha (à esquerda).

Créditos das fotos da esquerda para a direita: Bonnie Lippitt, Lorena Brewster e Ryan Finchum

3.6. ABORDAGEM 6: PROMOVER MONITORAMENTO, AVALIAÇÃO E APRENDIZAGEM

Incorporar avaliação, reflexão e adaptação contínuas ao programa geral e seus componentes.

A avaliação e a documentação foram os pilares do trabalho da Parceria, facilitando o aprendizado e o compartilhamento não apenas entre os participantes, mas também pela equipe e pelos parceiros do órgão.

Todos os relatórios anuais e do projeto identificaram desafios, lições aprendidas e recomendações, além de documentar as realizações.

- Todo mês de dezembro era convocada uma reunião anual de parceiros da PCAB para analisar o trabalho realizado, aprender um com o outro, discutir adaptações e correções de curso e planejar o trabalho futuro.
- O USFS e os parceiros realizaram análises intercalares detalhadas em Fort Collins e Portland.
- A Parceria promoveu uma reunião de dois dias chamada de “Pausa e Reflexão” em dezembro de 2018, para avaliar os impactos gerais da PCAB e começar a planejar uma nova estratégia de cinco anos. Essa revisão ajudou a confirmar abordagens que estavam funcionando, identificar áreas para fortalecer e destacar oportunidades para integrar as muitas facetas do programa a partir de então.

4.0 RESULTADOS E IMPACTOS

O trabalho da Parceria, tanto em unidades de conservação quanto em comunidades adjacentes a elas, apoiou a conservação dessas unidades e da biodiversidade na Amazônia.



4.1 PLANO DE USO PÚBLICO INSTITUCIONALIZADO E LIGADO AO PLANO DE MANEJO DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

A Parceria apoiou o aprimoramento dos planos de manejo e planos de uso público que vão ajudar a proteger a biodiversidade e os ecossistemas incentivando a visitação responsável. A Parceria também identificou possíveis políticas, procedimentos e processos para estender as salvaguardas da biodiversidade em todo o país.

- O ICMBio agora possui planos de uso público que descrevem as condições futuras que gostariam de ver, e eles têm experiência no uso do ROVUC para estruturar o monitoramento de possíveis

impactos biofísicos e da experiência do visitante em unidades de conservação no longo prazo.

- Durante o projeto, o ICMBio projetou, desenvolveu e manteve sítios e instalações de uso público, como trilhas, banheiros e portais de informações que facilitavam o uso e minimizavam os impactos. Exemplos:

- Projetos na Floresta Nacional do Tapajós para melhorar as trilhas da comunidade de São Domingos (que inclui a trilha da Vovó Sumaúma (veja ao lado), Maguari e Jamaraquá e conceitos de desenvolvimento de sítios para a Base e o Sítio Interpretativo do Corredor da Terra Rica.

- O ICMBio desenvolveu planos interpretativos que resultaram em produtos para educar e incentivar os visitantes a proteger os recursos e visitar com responsabilidade. Um desses produtos é o vídeo da estação do flutuante dos botos do rio que banha o Parque Nacional de Anavilhanas.
- O ICMBio desenvolveu e conduziu um programa de monitoramento da visitação para alinhar as instalações e serviços desejados pelos visitantes às condições futuras desejadas de uma unidade de conservação e às ações de gestão em andamento para reduzir os impactos. O ICMBio mais que dobrou o monitoramento de visitantes em unidades de conservação (UC) nos últimos cinco anos, passando de 60 UCs monitoradas em 2015 para 137 em 2019.

Floresta Nacional do Tapajós

Trilha da Vovó Sumaúma • Granny Sumaúma Trail

Caminhar até a árvore gigante Vovó Sumaúma é um desafio, mas conhecê-la é um privilégio. O percurso traz agradáveis surpresas reveladas por moradores locais, sábios conhecedores dos segredos da floresta.




To reach the giant "Granny Sumaúma" tree is a challenge, but to see it is a privilege. Along the trail, your knowledgeable guide will share pleasant surprises and secrets of the forest.

<p>Distância: 18 km Duração: 8 horas Dificuldade: moderada a difícil</p>	<p>Distância: 18 kilometers Duration: 8 hours Difficulty: moderate to difficult</p>
--	---



4.2 AUMENTO DA CONSCIENTIZAÇÃO E VISITA ÀS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DO BRASIL

Por causa dos esforços de planejamento de uso público, visitantes de todo o Brasil e do mundo têm mais a



experimentar e desfrutar em unidades de conservação.

- A Parceria planejou e desenvolveu ambientes, instalações e serviços apropriados de uso público, inclusive um cardápio grande de produtos e programas de interpretação e educação pessoal e autoguiados. Exemplos:
 - Exposições interpretativas sobre a Floresta Nacional do Tapajós e pontos de venda de parceiros próximo ao Centro de Atendimento ao Turista de Alter do Chão (grande local turístico com resort fluvial).

FIGURA 5. AUMENTO DA VISITAÇÃO DURANTE A PCAB



- Materiais de turismo interpretativos bilíngues para os operadores turísticos de Anavilhanas usarem ao guiar os visitantes pela famosa Trilha Aquática.
- Um sistema de trilhas para mountain bike e caminhantes de 44 km na Floresta Nacional de Brasília, que inclui uma estação noturna com um banheiro primitivo. O sistema de trilhas e as instalações foram construídos quase inteiramente por grupos de voluntários e clubes de mountain bike. Eles foram organizados e treinados pela equipe de trilhas do ICMBio.
- Melhoria do Corredor Terra Rica com um quiosque de orientação e placas interpretativas na entrada da FLONA Tapajós, uma área de uso diário e a Trilha Interpretativa da Terra Rica.

4.3 PARTICIPAÇÃO SOCIAL E EDUCAÇÃO APRIMORADA PARA A CONSERVAÇÃO

As comunidades rurais que fazem fronteira com as unidades de conservação estão se envolvendo mais na gestão e administração do Sistema Nacional de Unidades de Conservação. O envolvimento cívico por meio da Parceria ajudou a desenvolver e aprimorar instalações, serviços e produtos mutuamente benéficos que apoiam os meios de subsistência locais e a conservação da Amazônia.

- Membros da comunidade e conselhos consultivos de gestão participaram do planejamento de projetos de desenvolvimento de trilhas, como o desenvolvimento de trilhas aquáticas no PARNA Anavilhanas e a trilha de longa distância Chico Mendes, no estado do Acre.
- A comunidade Kalunga, próxima ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, fez uma parceria com o USFS buscando modelos inovadores de turismo comunitário, envolvendo operadores turísticos do setor privado, condutores de turismo, acomodações, restaurantes e transporte.
- As comunidades ao redor das unidades de conservação receberam capacitação para se tornar condutores e operadores turísticos e apoio ao desenvolvimento de produtos no sentido de gerar receita.
 - Condutores de turismo comunitários da FLONA Tapajós e operadores de barcos turísticos do PARNA Anavilhanas participaram do treinamento de interpretação com a equipe ampliada de interpretação do ICMBio.
 - Membros da comunidade, condutores e parceiros participaram de oficinas de construção e manutenção de trilhas em campo na FLONA Tapajós e no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.
 - As comunidades tapajós de São Domingos, Maguari e Jamaraquá desenvolveram placas interpretativas para cada comunidade (veja abaixo).
 - Condutores de turismo comunitários e operadores turísticos da FLONA Tapajós e do PARNA Anavilhanas criaram um “tour interpretativo com mochila” bilíngue e um “tour interpretativo aquático” para

as unidades. Isso permitiu aos condutores compartilhar regularmente as principais mensagens de conservação do ICMBio e atender melhor àqueles que não falam português, atraindo mais negócios e mais gorjetas.

- Os alunos das escolas próximas às unidades de conservação agora têm materiais de interpretação ambiental que os ensinam sobre a importância de onde moram. A parceria também criou modelos que podem ser adaptados às unidades de conservação e/ou mosaicos específicos.



Condutor de turismo local usando a "mochila interpretativa" bilíngue para se conectar com os visitantes nacionais e estrangeiros na Floresta Nacional dos Tapajós

Foto: Micah Gregory





Acima, artesãs da Floresta Nacional do Tapajós (FLONA Tapajós) vendem seus produtos na loja de artesanatos administrada pela comunidade de Jamaraquá. Os artesãos usam produtos florestais sustentáveis, como sementes e látex, para criar joias inspiradas na natureza. Para avaliar o impacto do turismo e do uso público no sítio demonstrativo do ICMBio, a Parceria entrevistou quatro grupos focais - moradores das unidades de conservação ou áreas adjacentes, prestadores de serviço do setor de turismo, servidores do ICMBio e visitantes. Mais de sessenta e oito por cento (68,2%) dos condutores locais entrevistados da FLONA Tapajós disseram que sua renda havia aumentado. Os demais condutores locais entrevistados disseram que não houve alteração- 27,3% e 4,5% não souberam responder.

Foto: Leonardo Milano

68%

68% dos condutores locais entrevistados da FNT reportaram aumento na renda

4.4 CAPACIDADE INSTITUCIONAL DESENVOLVIDA



O ICMBio e seus parceiros agora têm maior capacidade institucional em vários níveis para melhor gestão das unidades de conservação da Amazônia e para estender seu conhecimento a outras pessoas.

(Consulte o gráfico Efeito Cascata representando o desenvolvimento de capacidades para interpretação.)

Costumo dizer às pessoas que minha carreira recente é um produto da colaboração; Ao longo dos anos, a parceria promoveu um ambiente para troca de experiências, discussões técnicas em busca de soluções inovadoras e construção de novos projetos e marcos técnicos institucionais. Os resultados foram muito além dos tangíveis; impactou nossa cultura institucional e a maneira como os gestores brasileiros “veem” a relação entre gestão de unidades de conservação, sociedade e economia. Como eu, todos os envolvidos diretamente nesse projeto têm orgulho de entender isso agora, bem como de todos os resultados positivos que nossa parceria trouxe para a gestão das unidades de conservação no Brasil.”

Paulo Faria, Analista Ambiental, ICMBio

- O ICMBio agora possui equipes principais de especialistas nas principais áreas funcionais, capazes de liderar o desenvolvimento e o gerenciamento de programas e treinamentos em todo o órgão.
 - As equipes principais de especialistas são: plano de manejo, plano de uso público, trilhas, interpretação e monitoramento da visitação.
- A parceria ajudou o ICMBio a desenvolver políticas e procedimentos, normas para todo o órgão, termos de referências e modelos. Exemplos:
 - Adaptou a abordagem baseada no Foundation Document do USNPS para um plano de manejo condizente, porém flexível e econômico.
 - Planos concluídos para várias unidades de conservação, inclusive a Reserva Extrativista Marinha de Soure e o Parque Nacional São Joaquim.
 - Introduziu conceitos e estruturas contemporâneas de planejamento de uso público, baseadas na ciência, que levaram ao desenvolvimento de um processo formalizado de planejamento de uso público, aprovado pelo ICMBio, documentado nas “Diretrizes Metodológicas para o Desenvolvimento de Planos de Uso Público em Unidades de Conservação a Federais” (veja a foto à direita).
 - Ajudou a criar uma "Estratégia de Participação Social" no processo de planejamento da gestão.
 - Ajudou a desenvolver os "Fundamentos para o Monitoramento da Visitação".
- A Parceria desenvolveu uma infinidade de ferramentas e produtos para apoiar o planejamento e gerenciamento de uso público em unidades de conservação. Exemplos:



- O SIGEO, uma ferramenta baseada em GIS criada pelo ICMBio e pelo Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (adaptado do Park Atlas do USNPS), que oferece melhor integração e disponibilidade de dados geoespaciais para o processo de planejamento das unidades de conservação do ICMBio.
- ROVUC (esquerda), uma ferramenta de planejamento de uso público adaptada do USFS Espectro de Oportunidades de Recreação (ROS).
- O “Guia para Desenvolvimento de Produtos Interpretativos Não Pessoais em Áreas Protegidas”, uma publicação para planejar e desenvolver produtos e programas interpretativos.
- Planos interpretativos para seis unidades de conservação, inclusive Floresta Nacional do Tapajós, Parque Nacional de Anavilhanas, Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, Floresta Nacional de Brasília, Parque Nacional do Jaú e Área de Proteção Ambiental da Costa dos Corais.
- Inúmeros produtos interpretativos, como placas, exposições, mostradores, panfletos e vídeos.
- Os “Fundamentos para o Planejamento de Trilhas” (adaptado pelos especialistas em trilhas do ICMBio do USFS “Trail Fundamentals and Trail Management Objectives.”)
- A Parceria implementou, adaptou e ajudou a desenvolver boas práticas de gestão. Exemplos:
 - O ICMBio agora captura dados de usuários com maior valor estatístico para informar o uso público e o plano de manejo. Seu programa de monitoramento da visitação foi fortalecido pela adaptação de métodos bem estabelecidos do USFS e USNPS ao contexto brasileiro, a fim de estimar o gasto e o impacto econômico da visitação, realizando estudos mais detalhados das percepções, preferências e gastos do visitante nos sítios demonstrativos, treinando dezenas de servidores na contagem de visitas técnicas de monitoramento e mais do que duplicando o número de unidades nas quais as estatísticas de visitação são monitoradas.
 - Facilitar o compartilhamento mútuo, o intercâmbio e os benefícios entre países, instituições e indivíduos dentro da Parceria.
 - 38 servidores do USFS viajaram ao Brasil para prestar assistência técnica em uso público e gestão de unidades de conservação. O resultado foi o aprendizado entre colegas e a formação de vínculos profissionais que permitiram um enfrentamento posterior aos desafios.

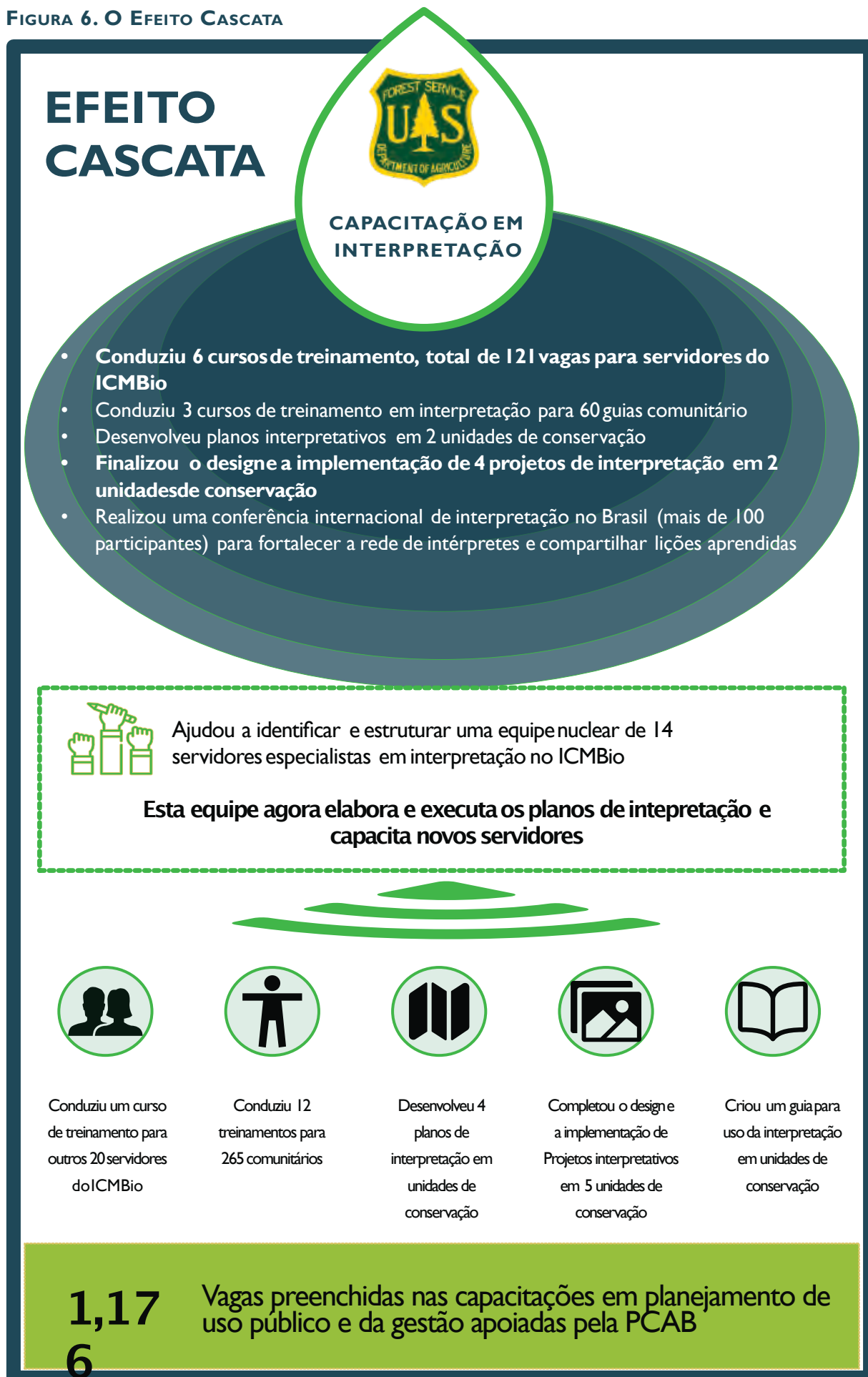


“Trabalhar com meus colegas brasileiros me ajudou a entender melhor a importância de nossos papéis como administradores de terras públicas. Embora tenhamos diferenças culturais e leis diferentes, muitos dos temas da gestão de terras públicas ressoam nos dois países. Entender essas diferenças me ajuda a traduzir aqui nos EUA, para as Florestas Nacionais e nossos programas, onde podemos concentrar nossos esforços para alcançar o maior número de pessoas”.

Garrett Villanueva, Gerente de Programa Regional de Trilhas e Viagens Sudoeste do Pacífico, USFS

PARCERIA PARA A CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE NA AMAZÔNIA

FIGURA 6. O EFEITO CASCATA



5.0 LIÇÕES APRENDIDAS

Um componente crucial dos esforços da Parceria centrados na aprendizagem é aprender juntos e documentar as lições aprendidas para compartilhar com outros de modo amplo. Os especialistas norte-americanos trouxeram consigo experiências de décadas de administração de terras públicas usando conceitos contemporâneos, e especialistas brasileiros trouxeram um profundo conhecimento da Amazônia e do contexto brasileiro. Esse aprendizado é útil não apenas para os gestores de unidades de conservação brasileiras, mas também para gestores de terras, acadêmicos e ONGs norte-americanas. As lições aprendidas a seguir respaldam o desenvolvimento do ICMBio e sua capacidade de gerenciar um programa sustentável de uso público nas unidades de conservação do Brasil.

LIÇÃO I: PARCERIAS SÃO FUNDAMENTAIS

O trabalho dos últimos cinco anos reforçou bastante a necessidade e a importância de parcerias para o trabalho coletivo de desenvolvimento de capacidades, plano de manejo e plano e execução de uso público. Também aprofundou nossa compreensão de como participar e manter parcerias de todos os tipos de maneira eficaz.

- **As parcerias contribuem para todas as nuances de um projeto ou programa em andamento.** Embora os parceiros específicos possam variar dependendo da fase, é essencial envolvê-los no planejamento, desenvolvimento, execução e monitoramento. No PARNA Anavilhanas, os conselhos comunitários participaram da revisão do plano de manejo. Os atores locais, organizações ambientais e empresas de turismo ajudaram a desenvolver o plano interpretativo da unidade. A associação local de operadores de barcos trabalhou com a equipe do ICMBio para criar os produtos específicos projetados para serem usados pelos visitantes, conforme exigido no plano interpretativo.
- **Com tempo, recursos e habilidades, os parceiros trazem variadas perspectivas cruciais que apoiam os resultados de sucesso.** Embora muitas vezes nos concentremos nos recursos tangíveis, os parceiros ajudam a expandir e explorar a gama de ideias, perguntas, preocupações e possíveis soluções envolvidas em qualquer esforço conjunto. Por exemplo, quais temas interpretativos explorar em um local, ou maneiras diferentes de gerenciar visitantes ou como as comunidades locais podem atrair turistas com sucesso. Por diferentes perspectivas, acabamos com um produto melhor do que se apenas uma pessoa projetasse uma trilha ou descobrisse uma maneira de gerenciar visitantes.
- **O nível, a duração e a formalidade das parcerias podem variar, mas todas devem ser**

baseadas em responsabilidades compartilhadas, comunicação mútua e benefícios para todos os colaboradores. Não há parcerias únicas. Elas ocorrem em todos os níveis organizacional, nacional, regional e local. Algumas pretendem ser de longo prazo, enquanto outras funcionam de maneira mais eficaz em torno de um projeto ou problema específico por um curto período. Muitas vezes pensamos em parcerias no sentido formal, exigindo um acordo assinado para documentar papéis e responsabilidades, mas permanecer aberto e trabalhar em parceria informal também é benéfico. Por exemplo, dois gestores concordam em trabalhar juntos para planejar, projetar e construir uma trilha. Eles podem recrutar voluntários para construir uma trilha e uma comunidade para mantê-la. São parcerias, mesmo que não tenham um acordo formal. Mas todos eles têm responsabilidades compartilhadas - dois gestores assumindo partes diferentes do design da trilha, por exemplo, ou voluntários concordando em construir porções diferentes da trilha.

- **É importante investir em treinamento, tempo e recursos necessários para desenvolver e sustentar parcerias como parte de um programa eficaz de uso público.** Criar habilidades e confiança para trabalhar com parceiros é tão importante quanto desenvolver habilidades técnicas para construir uma trilha, desenvolver uma placa interpretativa ou monitorar a visitação. As oficinas “Trails Together 1” e “Trails Together 2” foram pensadas com o objetivo de fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

LIÇÃO 2: COORDENAÇÃO E CAPACIDADE DOS PARCEIROS DETERMINAM O QUE CONSTITUI UM PROGRAMA DE USO PÚBLICO SUSTENTÁVEL

Um programa de uso público sustentável é aquele que permite que um órgão cumpra sua missão dentro da capacidade coletiva de seus parceiros e servidores, agregando valor às comunidades dependentes proporcionais aos seus investimentos sociais e econômicos, além de melhorar a experiência dos visitantes na área protegida.

- **Parcerias públicas e privadas são essenciais para abordar um conceito tão complexo quanto o uso público sustentável em um cenário amplo e em mudança.** A Parceria pôde recorrer à experiência de várias agências, universidades e organizações não governamentais dos EUA e do Brasil para ajudar no desenvolvimento de capacidade para o planejamento de uso público.
- **É importante entender os custos e os requisitos de pessoal para planejar, construir, manter e operar instalações e programas no longo prazo.** Outras considerações incluem

como monitorar a eficácia de seu programa para ver se oferece oportunidades que o público valoriza e como examinar a mecânica e a política de suas abordagens.

- Por exemplo, o custo de construção, manutenção e pessoal de um atracadouro e de um pequeno centro de visitantes em São Domingos, na FLONA Tapajós, para cobrar com mais eficiência as taxas de usuário poderia ter excedido as receitas a serem coletadas e teria sido difícil de aplicar devido ao amplo acesso ao rio pelas comunidades ao longo do corredor usado por barcos comerciais e particulares. O projeto não era sustentável como planejado e poderia se tornar um passivo se construído sem manutenção.

LIÇÃO 3: O ESCOPO E A ESCALA DA CAPACITAÇÃO DEVEM REFLETIR O ESCOPO E A ESCALA DO PROBLEMA CONTEMPLADO

A Parceria abordou todos os seus esforços com um amplo senso de escopo e escala, entendendo que estava desenvolvendo capacidade para todo o órgão.

- **Foco no desenvolvimento individual e no fortalecimento institucional simultaneamente.** A equipe do ICMBio aprendeu a planejar uma série de oportunidades para aumentar a qualidade da experiência do visitante em suas unidades de conservação. Eles também colocam em prática manuais de planejamento institucional e o ROVUC.
- **Incentivar o desenvolvimento de políticas e procedimentos adaptáveis que possam apoiar mudanças sustentadas ao longo do tempo.** Um programa permanece sustentável, mesmo que seu contexto seja altamente variável, quando políticas e procedimentos acomodam novas técnicas e estratégias adaptadas às novas necessidades.
- **O planejamento de uso público e os programas operacionais devem incorporar componentes como interpretação, trilhas, oportunidades de voluntariado e parcerias que ajudem a conectar os brasileiros com suas terras públicas.** Essas oportunidades podem ser identificadas no documento de planejamento de uso público, que também pode destacar oportunidades de conexão com o setor privado e expansão de ganhos econômicos.

LIÇÃO 4: O DESENVOLVIMENTO EFICAZ DA CAPACIDADE PARA A GESTÃO DO USO PÚBLICO EXIGE A CONTINUIDADE DE RELACIONAMENTOS, RECURSOS SIGNIFICATIVOS E UMA ABORDAGEM INTEGRADA

Ao longo dos 5 anos da PCAB, a ênfase na continuidade e integração, combinada com um investimento substancial de recursos e orientação técnica do USFS, permitiu à Parceria desenvolver capacidade sustentável no ICMBio.

- **Os especialistas do USFS foram cuidadosamente** escolhidos por sua riqueza de conhecimentos e por suas perspectivas de gestão. Os especialistas técnicos visitantes foram/são gestores de programas de recreação nos EUA que trabalham diariamente em vários setores para oferecer um programa integrado.
- **O desenvolvimento da capacidade é construído sobre relacionamentos e entendimento do contexto.** A natureza contínua da participação na equipe técnica principal ajudou a construir relacionamentos e confiança e tornou muito mais fácil atingir a meta de treinar instrutores multiplicadores. Reuniões regulares com os mesmos indivíduos comprometidos dos EUA e do Brasil promoveram um conhecimento coletivo de trabalho do contexto brasileiro e amazônico e garantiram a continuidade do programa.
- **A integração entre os “silos” de disciplinas, diretorias e geografias, bem como áreas de foco prioritário, melhora a eficiência e a eficácia gerais.** A soma do todo é maior que as partes quando a integração e a sinergia são fortalecidas.

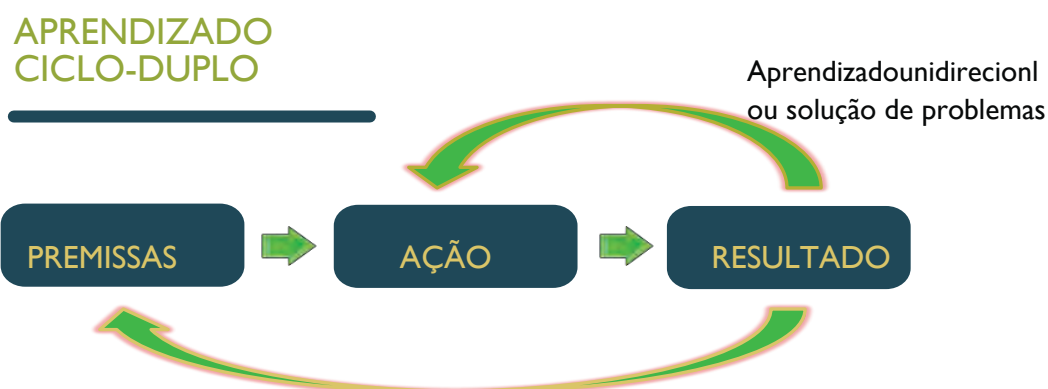
LIÇÃO 5: GESTÃO ADAPTADA PARA UM MAIOR IMPACTO EXIGE APRENDIZAGEM

Todas as dimensões do programa enfatizavam o aprendizado de uma maneira ou outra. O aprendizado é necessário no planejamento, desenvolvimento, operações, monitoramento e gestão de forma adaptativa.

- **A abordagem “aprender fazendo” ajuda os participantes a adquirir conceitos, habilidades e técnicas e a criar confiança.** As experiências em tempo real no planejamento, design, fabricação e instalação de produtos e instalações ocorreram como parte dos cursos de treinamento de multiplicadores, das atribuições da equipe de desenvolvimento de produtos e dos projetos orientados pelo ICMBio/USFS.
- **Usar os princípios da educação de adultos na criação e aplicação de cursos e oficinas e criar um ambiente em que os participantes possam discutir o porquê, o quê e como**

fazer. Por exemplo, os planejadores discutiram por que é importante planejar proativamente o uso público aprimorado e aprenderam técnicas para desenvolver diretrizes normativas para o monitoramento da visitação.

- **A aprendizagem ciclo-duplo é essencial para o planejamento e gestão em um mundo em constante mudança.** Esse aprendizado envolve tanto o foco nas relações imediatas de causa-efeito (aprendizado unidirecional) quanto a compreensão dos fatores que influenciam as causas imediatas (aprendizado ciclo-duplo) para aprimorar as habilidades de pensamento crítico. Por exemplo, a demanda por unidade específica na Amazônia é em grande parte uma função do interesse da população nas proximidades (aprendizado unidirecional), mas as mudanças nessa demanda são afetadas pelo interesse social em larga escala em terras públicas como locais a serem recriados (aprendizado ciclo-duplo). A incorporação do aprendizado ciclo duplo foi a chave do sucesso e levou à gestão da Parceria de maneira adaptativa.



➔ **Aprendizado ciclo-duplo** - pode auxiliar com situações complexas e ajudar na investigação das razões porque agimos como agimos. Podemos descobrir que nossas premissas estavam incorretas ou inadequadas.

- **Incentivar a integração de diferentes formas de conhecimento (experimental, local, científica, nativo) nas decisões de planejamento e gestão.** A equipe da parceria respeitou a legitimidade de todas as formas de conhecimento ao facilitar cursos, oficinas e assistência técnica.

LIÇÃO 6: É PRECISO TEMPO E UMA ABORDAGEM MULTIFACETADA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE DE GESTÃO DO USO PÚBLICO

- **As instruções devem ser repetidas para serem efetivas.** Reforçar a mesma mensagem por meio de diferentes canais aumenta a probabilidade de que as lições aprendidas sejam aplicadas com sucesso em campo. Isso foi feito por meio de apresentações, depois repetido por meio de discussões em pequenos grupos e debates em grupo maiores, e depois seguido pela execução no local.



- **O desenvolvimento de capacidade com várias abordagens nos ajudou a obter maior sucesso.** As pessoas equiparam capacitação a cursos de treinamento. Embora a Parceria tenha realizado vários cursos de treinamento, também empregamos uma ampla variedade de abordagens, inclusive visitas de estudo, seminários internacionais, mentoria, cursos de treinamento de instrutores, desenvolvimento de manuais e documentos de boas práticas e sítios demonstrativos para fornecer uma variedade de abordagens de desenvolvimento de capacidades.

- **Além dos aspectos técnicos de um assunto, o aprendizado também deve abordar aspectos interpessoais, como liderança, comunicação e participação social necessários para uma execução bem-sucedida.** Somente o conhecimento técnico não é suficiente para a boa execução de um programa sustentável. Nossas abordagens incluíram oportunidades de liderança, promovendo a confiança para tomar decisões, ensinar outras pessoas e ajudar a desenvolver políticas de orientação.

LIÇÃO 7: PARTICIPAÇÃO SOCIAL E IGUALITÁRIA SÃO ESSENCIAIS PARA O SUCESSO NO LONGO PRAZO

A Parceria priorizou a ampla representação de parceiros e públicos e o engajamento em todas as áreas do programa, inclusive diretorias e órgãos-irmãos do ICMBio, principais atores, conselhos cívicos regionais e locais, empresários locais, cooperativas comunitárias e membros de comunidades tradicionais e indígenas.

- **A participação social construiu propriedade e confiança, principalmente quando representantes da comunidade e de parceiros faziam parte dos processos de planejamento e execução.**
- **O design e a entrega de conteúdo facilitam a equidade.** A equidade começou com a lista de convidados e os facilitadores garantiram que o conteúdo do programa fosse equitativo, personalizado e adaptado às necessidades e realidades específicas de cada sítio, contexto e componente programático.
- **A participação ou engajamento social ajudam o ICMBio a cumprir sua missão.** Essa política promove a equidade, ajuda a evitar confusões entre públicos e servidores e facilita o planejamento e a tomada de decisões mais eficientes e eficazes.

LIÇÃO 8: O PENSAMENTO CRÍTICO E A LIDERANÇA SÃO IMPORTANTES

O foco no desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico e confiança da liderança, não apenas no desenvolvimento de conhecimentos e habilidades técnicas, foi fundamental para os resultados positivos e o impacto que a Parceria conseguiu alcançar.

- **Oferecer uma série de perspectivas e abordagens.** As equipes interdisciplinares e multi-organizacionais do USFS/Parceria ajudaram a trazer conhecimentos e habilidades apropriados para aplicar nas áreas problemáticas.
- **Compartilhar e discutir lições aprendidas com dificuldade.** A discussão franca de falhas e sucessos, bem como os pontos fortes e fracos de abordagens selecionadas, ajudou indivíduos e instituições a aprender com os erros, a desenvolver o que estão fazendo bem e a identificar abordagens alternativas. A reflexão sobre as lições aprendidas durante o esforço de cinco anos da PCAB permitiu que todos os participantes aprendessem e se beneficiassem.

6.0 UM CAMINHO PROMISSOR

Nos primeiros cinco anos, a Parceria se concentrou no desenvolvimento do componente de uso público da gestão de unidades de conservação e no desenvolvimento das habilidades e experiências necessárias para planejar e gerir o uso público. A Parceria também aproveitou o tempo para construir redes e relacionamentos mais amplos e conectar mais pessoas às terras públicas do Brasil - como defensores e visitantes.

A Parceria aumentou a capacidade institucional do ICMBio no plano e na gestão do uso público. As conexões entre brasileiros e suas terras públicas estão começando a dar frutos, e as comunidades estão se tornando mais resilientes por causa do aumento da visitação e da proteção dos serviços ecossistêmicos. MAS, é preciso fazer mais para construir um turismo sustentável e um maior envolvimento do setor privado, que foi fortemente impactado pela COVID-19. Abaixo, a seção “Um futuro possível”, baseia-se nas realizações dos últimos cinco anos e sugere áreas da cadeia de valor do ecoturismo que poderiam ser abordadas ainda mais para promover a conservação e o crescimento econômico. Os parceiros envolvidos na PCAB indicaram interesse em aprender mais sobre as cadeias de valor do turismo e como se conectar com o setor privado. Em sua visão, as comunidades falaram sobre a proteção de sua herança cultural e a criação de emprego por meio do turismo.

6.1 UM FUTURO POSSÍVEL

A Amazônia é realmente extraordinária. Vinte por cento da água doce do mundo vem da Bacia Amazônica. É o lar de milhões de espécies vegetais e animais, muitas não encontradas em nenhum outro lugar. Milhões de residentes, inclusive comunidades ribeirinhas tradicionais e povos indígenas isolados, vivem lá e dependem de seus recursos naturais para subsistir. As vastas terras, florestas e rios da Bacia Amazônica protegem grandes ecossistemas terrestres e de água doce que regulam o clima em escala global.

O que é ecoturismo? A Sociedade Internacional de Ecoturismo define ecoturismo como "viagens responsáveis para áreas naturais que conservam o meio ambiente, sustentam o bem-estar da população local e envolvem interpretação e educação."

As ofertas naturais e culturais da Amazônia atraem visitantes que buscam fugir das paisagens urbanas de cidades próximas e de países em todo o mundo. A indústria do ecoturismo que apoia os visitantes de perto e de longe é importante para a conservação, pois depende da proteção da biodiversidade e da gestão eficaz de parques e outras áreas naturais. A vida selvagem e as áreas selvagens da Amazônia criam oportunidades de emprego baseadas na natureza, melhoram a subsistência e contribuem para a saúde e o bem-estar individual e coletivo.

A sustentabilidade do ecoturismo na Amazônia tem sido ameaçada pela pandemia do COVID-19, que suspendeu todas as viagens para a região. O ecoturismo deve retornar gradualmente junto a retomada total das demais atividades econômicas, com grande potencial para ajudar a reconstruir a economia regional, portanto, devemos estar preparados para contribuir, auxiliando no que for necessário para planejar esse novo momento.

O povo da região amazônica tem a oportunidade de repensar como o ecoturismo deverá ser reconstruído e qual caminho ele deve seguir. Será reconstruído aos poucos, sem muito planejamento conforme originalmente? Ou será uma ferramenta mais integrada e estratégica das comunidades, com foco no aumento da resiliência de milhões de pessoas que consideram a Amazônia o seu lar?

O Serviço Florestal dos EUA e parceiros acreditam em uma abordagem estratégica e integrada.

Um caminho promissor. Prevemos um caminho a seguir que seja inclusivo, integrado e adaptável, caracterizado por **liderança e propriedade local e regional mais fortes**; fortalecido por parcerias entre instituições públicas e privadas e apoiado pelo governo.

O aumento dos meios de subsistência por meio do ecoturismo pode apoiar a conservação da biodiversidade da Amazônia. Os moradores da Amazônia dependem da biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos que moldam a região. Ao fortalecer os vínculos entre ecoturismo, meios de subsistência e biodiversidade, a conservação se torna uma prioridade mais alta para as comunidades e tomadores de decisão. O ecoturismo pode ser integrado às ferramentas de desenvolvimento existentes, como a pesca e a produção de produtos florestais madeireiros e não madeireiros, como um método para fortalecer os vínculos entre meios de subsistência sustentáveis. O roteiro para "Um futuro possível" começa com a construção de uma visão de conservação da biodiversidade da Amazônia que inclua o ecoturismo e a demonstração de como essa visão pode melhorar os meios de subsistência da comunidade e o bem-estar regional. Para apoiar setores públicos, privados e comunitários locais na Amazônia, uma análise inicial da cadeia de valor do ecoturismo seria útil. Os resultados da análise ajudariam a moldar uma visão compartilhada e um plano de ação.

Com base na experiência do USFS e parceiros com a região, comunidades locais e parcerias público-privadas, uma abordagem para o ecoturismo na Amazônia provavelmente incluiria as três ações a seguir:

1. Identificar mercados imediatos e de longo prazo para a região amazônica, atuais e possíveis parcerias público-privadas e planos de gestão das áreas-destino;
2. Fortalecer e incentivar as operações comerciais atuais do ecoturismo, aproveitando os investimentos iniciados em destinos existentes, respondendo à demanda local e nacional e integrando-se a outros tipos de meios de subsistência sustentáveis; e
3. Melhorar o bem-estar da comunidade por meio de saúde e segurança aprimoradas para fortalecer a resiliência, sustentabilidade e governança necessárias às comunidades, visitantes e empresas.

Quatro componentes da cadeia de valor do ecoturismo que devem ser abordados:

1. **Análise de Mercado** - Conduzir uma análise de mercado em áreas específicas da Amazonia e solicitar insumos da comunidade local e regional para determinar quais aspectos do ecoturismo são relevantes e em que escala.
2. **Oportunidades e Obstáculos ao Ecoturismo** - Determinar oportunidades e obstáculos onde o ecoturismo ocorre, quais atividades e experiências disponíveis, e quanta visitação ocorre nas unidades de conservação, reservas privadas, territórios indígenas e comunidades de acesso. Observar oportunidades para integrar o ecoturismo a outras atividades sustentáveis em uma

mesma área, como produção e processamento de peixe, açaí, castanha-do-Brasil e artesanato local. Isso pode incluir a integração do ecoturismo com outras formas de turismo.

- 3. Planejamento e Operações de Negócios** - Identificar como e quando as relações comerciais são conduzidas e o nível e tipo de investimentos comerciais que aprimoram o ecoturismo. Isso inclui contabilidade, relacionamento com as comunidades, trabalho com clientes e segurança.
- 4. Estratégia de Saúde e Bem-Estar** - Determinar quais ações podem ser tomadas para manter ou melhorar estilos de vida saudáveis e o bem-estar da comunidade. Fortalecer a conscientização do visitante sobre os benefícios para a saúde física e mental das atividades de recreação ao ar livre.

O resultado da melhoria desses componentes da cadeia de valor do ecoturismo ajudaria a energizar as seguintes alterações:

- 1. Envolvimento do setor privado e aumento de investimentos** - As agências governamentais ampliam a colaboração com o setor privado - inclusive empreendedores comunitários, regionais, nacionais e internacionais de ecoturismo - para fornecer uma ampla gama de oportunidades de ecoturismo relacionadas à biodiversidade em terras públicas, reservas privadas e comunidades de acesso próximas.
- 2. Nichos de mercado e segmento de ecoturismo reforçados e expandidos** - Os nichos específicos do mercado de ecoturismo são fortalecidos, tanto com base nos nichos existentes (como observação de pássaros, pesca esportiva e recreação em praias sazonais na baixa temporada) quanto por segmentos (Amazônia, segmentos nacionais e internacionais de ecoturismo). Estudar a experiência de outras regiões do Brasil e de outras nações tropicais, principalmente na América do Sul, oferece oportunidades para aprender com sucessos e desafios já enfrentados.
- 3. Destinos de ecoturismo aprimorados** - Começar nos destinos atuais de ecoturismo com infraestrutura, produtos e prestadores de serviços estabelecidos e expandir oportunidades de lazer e negócios nos destinos próximos e existentes, nas principais cidades e aeroportos da Amazônia. Por fim, fortalecer destinos distantes com atrações únicas.
- 4. Novos produtos para negócios desenvolvidos** - seriam desenvolvidas atividades, experiências e oportunidades específicas de ecoturismo sustentável. A gama de produtos de ecoturismo sustentável é ampliada por meio da integração com outros produtos não madeireiros, como açaí, peixe e artesanato e ofícios comunitários. A integração aumenta o gasto médio diário dos visitantes e, portanto, aumenta o impacto econômico do ecoturismo.
- 5. Promoção de experiências de visitação e comunidades saudáveis** - promover a culinária saudável da Amazônia e a recreação segura ao livre. As comunidades localizadas dentro ou perto

de áreas protegidas estão envolvidas, aumentando assim o reconhecimento da importância da biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos para o desenvolvimento econômico.

Essas alterações levarão a três principais resultados:

- 1. Operador(es) turístico(s) e/ou guias e pacotes de atrativos estão disponíveis** - Áreas protegidas públicas e privadas incentivam, por meio de políticas e planos, a recreação ao ar livre e o ecoturismo ampliados. O setor privado oferece serviços de transporte, alimentação, hospedagem e orientação que os visitantes precisam para apreciar e contemplar a diversidade biológica de maneira segura e sustentável. A cooperação com produtores e processadores de produtos não florestais está ocorrendo.
- 2. A infraestrutura e programas necessários estão disponíveis** - A infraestrutura física necessária aos visitantes (varejo, alimentação, hospedagem, transporte) e a infraestrutura da área protegida (como estações de pesquisa, centros de visitantes, trilhas e sinalização) existem e diversos programas para visitantes atividades estão prontos.
- 3. Uma Amazônia mais saudável para visitantes e residentes** - Um estilo de vida saudável é promovido, envolvendo culinária, exercícios, contemplação e aprendizado para alcançar as metas de bem-estar. O interesse local na utilização sustentável de áreas protegidas, alimentos locais ou regionais e comunidades de acesso é apoiado e fortalecido.

Esses resultados atendem às expectativas: comunidades resilientes, mais prósperas e saudáveis na Amazônia brasileira são bem sucedidas, enquanto a biodiversidade é conservada - As unidades de conservação e as espécies e ecossistemas que à elas pertencem são melhor protegidos; um número maior de áreas e comunidades protegidas da Amazônia possuem uma oferta mais diversificada e atraente de produtos e serviços de ecoturismo para atender à maior demanda de turistas regionais, nacionais e internacionais; os estilos de vida são saudáveis, o bem-estar comunitário e o bem-estar social são aprimorados como resultado do ecoturismo. Uma Amazônia mais resiliente está se movendo em direção a um crescimento sustentável, inclusivo e equitativo. A conservação da biodiversidade e a proteção do ecossistema são aprimoradas e sustentadas.

ANEXO I - UNIDADES DE CONSERVAÇÃO BRASILEIRAS IMPACTADAS PELOS INVESTIMENTOS DA PCAB EM USO PÚBLICO E PLANEJAMENTO DA GESTÃO.



Crédito do Mapa: Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia – IPAM

O Brasil tem 334 Unidades de Conservação (UC) Federais sob a gestão do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. As UC que estão identificadas aqui são as que tiveram intervenção direta e indireta da Parceria para a Conservação da Biodiversidade na Amazônia (PCAB). No entanto, todas as 334 unidades de algum modo foram influenciadas pela PCAB.

Investimento direto primário nas unidades da Amazônia

Proteção integral

- 1, PARQUE NACIONAL DE ANAVILHANAS
- 2, PARQUE NACIONAL DA AMAZÔNIA
- 3, PARQUE NACIONAL DO JAÚ

Uso sustentável

- 4, FLORESTA NACIONAL DE TAPAJÓS
- 5, RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DE SOURE

Investimento direto secundário nas unidades da Amazônia

Proteção integral

- 6, PARQUE NACIONAL MONTANHAS DO TUMUCUMAQUE
- 7, PARQUE NACIONAL VIRUÁ
- 8, ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE NIQUIÁ
- 9, PARQUE NACIONAL DO CABO ORANGE
- 10, PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DOS GUIMARÃES
- 11, PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS FERRUGINOSOS
- 12, PARQUE NACIONAL NASCENTES DO LAGO JARI
- 13, PARQUE NACIONAL DO PICO DA NEBLINA
- 14, PARQUE NACIONAL DE PACAÁS NOVOS
- 15, PARQUE NACIONAL SERRA DA MOCIDADE
- 16, PARQUE NACIONAL MAPINGUARI
- 17, PARQUE NACIONAL DA SERRA DO DIVISOR
- 18, RESERVA BIOLÓGICA DO RIO TROMBETAS
- 19, PARQUE NACIONAL DO JURUENA
- 20, ESTAÇÃO ECOLÓGICA DA TERRA DO MEIO
- 21, PARQUE NACIONAL DOS LENÇÓIS MARANHENSES
- 22, ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE CUNIÃ
- 23, PARQUE NACIONAL DO RIO NOVO

Investimento direto primário

Proteção integral

- 52, PARQUE NACIONAL DE SÃO JOAQUIM
- 53, PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DOS VEADEIROS

Uso sustentável

- 54, ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL COSTA DOS CORAIS

Investimento direto secundário

Proteção integral

- 55, PARQUE NACIONAL DA SERRA DE ITABAIANA
- 56, PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CIPÓ
- 57, MONUMENTO NATURAL DO RIO SÃO FRANCISCO
- 58, PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CAPIVARA
- 59, PARQUE NACIONAL DA FURNA FEIA
- 60, RESERVA BIOLÓGICA UNIÃO
- 61, PARQUE NACIONAL GRANDE SERTÃO VEREDAS
- 62, PARQUE NACIONAL DE SETE CIDADES
- 63, PARQUE NACIONAL DA TIJUCA
- 64, PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU
- 65, PARQUE NACIONAL MAR. DE FERNANDO DE NORONHA
- 66, PARQUE NACIONAL DE ILHA GRANDE
- 67, PARQUE NACIONAL DAS ARAUCÁRIAS
- 68, PARQUE NACIONAL DA SERRA DAS LONTRAS
- 69, PARQUE NACIONAL DA SERRA DA BOCAINA
- 70, PARQUE NACIONAL CAVERNAS DO PERUAÇU
- 71, PARQUE NACIONAL DE JERICOACOARA
- 72, PARQUE NACIONAL DO SUPERAGUI
- 73, PARQUE NACIONAL DA SERRA DA BODOQUENA
- 74, PARQUE NACIONAL DO DESCOBRIMENTO
- 75, PARQUE NACIONAL DO ITATIAIA
- 76, RESERVA BIOLÓGICA DA MATA ESCURA
- 77, PARQUE NACIONAL DA SERRA DOS ORGÃOS

Uso sustentável

- 24, RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA CAETÉTAPERAÇU
- 25, FLORESTA NACIONAL DE CAXIUANÃ
- 26, RESERVA EXTRATIVISTA CHICO MENDES
- 27, RESERVA EXTRATIVISTA RIOZINHO DA LIBERDADE
- 28, FLORESTA NACIONAL DE ITAITUBA I
- 29, RESERVA EXTRATIVISTA MARACANÃ
- 30, RESERVA EXTRATIVISTA DO CAZUMBÁ-IRACEMA
- 31, FLORESTA NACIONAL DE MAPIÁ-INAUINI
- 32, FLORESTA NACIONAL DO CREPORI
- 33, RESERVA EXTRATIVISTA RIOZINHO DO ANFRÍSIO
- 34, RESERVA EXTRATIVISTA DO RIO UNINI
- 35, FLORESTA NACIONAL DE JATUARANA
- 36, RESERVA EXTRATIVISTA RENASCEER
- 37, RESERVA EXTRATIVISTA IPAÚ-ANILZINHO
- 38, RESERVA EXTRATIVISTA ARAPIXI
- 39, FLORESTA NACIONAL DE AMAPÁ
- 40, FLORESTA NACIONAL DE ITAITUBA II
- 41, FLORESTA NACIONAL DE TEFÉ
- 42, RESERVA EXTRATIVISTA TAPAJÓS ARAPIUNS
- 43, FLORESTA NACIONAL DE MACAUÃ
- 44, RESERVA EXTRATIVISTA LAGO DO CUNIÃ
- 45, ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DELTA DO PARNAIBA
- 46, FLORESTA NACIONAL DE ANAUÁ
- 47, FLORESTA NACIONAL DE PURUS
- 48, ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DO TAPAJÓS
- 49, FLORESTA NACIONAL DE CARAJÁS
- 50, FLORESTA NACIONAL DE JACUNDÁ
- 51, RESERVA EXTRATIVISTA CHOCOARÉ-MATO GROSSO

- 78, PARQUE NACIONAL RESTINGA DE JURUBATIBA
- 79, PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS GERAIS
- 80, ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE PIRAPITINGA
- 81, PARQUE NACIONAL DA SERRA DO ITAJÁI
- 82, PARQUE NACIONAL DE APARADOS DA SERRA
- 83, PARQUE NACIONAL DE UBajara
- 84, PARQUE NACIONAL DE CAPARAO
- 85, PARQUE NACIONAL DE SAINT-HILAIRE/LANGE
- 86, PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CANASTRA
- 87, PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA
- 88, PARQUE NACIONAL DE BRASÍLIA
- 89, PARQUE NACIONAL MARINHO DOS ABROLHOS
- 90, REFÚGIO DE VIDA SILVESTRE DO ARQUIPÉLAGO DE ALCATRAZES

Uso sustentável

- 91, FLORESTA NACIONAL DO ARARIPE-APODI
- 92, ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL ANHATOMIRIM
- 93, FLORESTA NACIONAL DE CANELA
- 94, ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA BACIA DO RIO SÃO JOÃO - MICO LEÃO
- 95, ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE GUAPI-MIRIM
- 96, ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE CAIRUÇU
- 97, APA RIO PARDINHO E RIO VERMELHO
- 98, ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE CANANÉIA-IGUAPÉ-PERUIBE
- 99, FLORESTA NACIONAL DE IPANEMA
- 100, FLORESTA NACIONAL DE BRASÍLIA
- 101, ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL ILHAS E VÁRZEAS DO RIO PARANÁ
- 102, ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA BALEIA FRANCA
- 103, RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA ARRAIAL DO CABO
- 104, ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DELTA DO PARNAIBA
- 105, ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL SERRA DA MANTIQUEIRA
- 106, RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DA LAGO DO JEQUIÁ
- 107, FLORESTA NACIONAL DE PACOTUBA



© 2018 Natural Scenes by Steve McCool

Reunião de Pausa e Reflexão em dezembro de 2018

EM PARCERIA COM:



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL